

A Liahona

Volume 38 - Número 4
JUNHO DE 1985



A Liahona

Junho de 1985 - Volume 38 - Nº 4
PBMA0584PO
São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de
A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos
Últimos Dias, apresentando material das
revistas ENSIGN, NEW ERA e FRIEND.

A Primeira Presidência:
Spencer W. Kimball, Marion G. Romney,
Gordon B. Hinckley.

Conselho dos Doze:
Ezra Taft Benson, Howard W. Hunter,
Thomas S. Monson, Boyd K. Packer,
Marvin J. Ashton, L. Tom Perry,
David B. Haight, James E. Faust,
Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson,
Dallin H. Oaks.

Comitê de Supervisão: M. Russell
Ballard, Loren C. Dunn, Rex D. Pinegar,
Charles Didier, George P. Lee.

Editor:
M. Russell Ballard

International Magazines:
Editor Gerente: Larry A. Hiller
Editor Associado: David Mitchell
Seção Infantil: Lois Richardson
Desenhista: Mary A. Hodson

A Liahona:
Diretor Responsável: José Maria Carleto
Editor: Paulo Dias Machado
Assinaturas: Victor Hugo da C. Pires
Supervisor de Produção: Elias Nelson
Munhoz Dias

Capa: (Frente) Centro da Cidade do Lago
Salgado, Utah. Foto de Glen Thomas
Brown/The Stock Solution. (Última Capa)
Os arranha-céus da Cidade do Lago
Salgado ficam diminutos à sombra das
Montanhas Wasatch, através das quais os
santos pioneiros entraram pela primeira vez
no Vale do Lago Salgado, em julho de
1847. Foto cedida por cortesia da Utah
Travel Council.



- 1 Mensagem da Primeira Presidência: Fortalecer Uns aos Outros, *Presidente Gordon B. Hinckley*
 - 5 "Eis que Estou Convosco", *Cherrie B. Warnock*
 - 7 Pesquisando o Livro de Mórmon, Parte 3, *John L. Sorenson*
 - 13 Guardar Sigilo, *Larry Hiller*
 - 17 Élder F. Enzio Busche: Aos Corfins da Terra, *Jan A. Pinborough*
 - 22 Por Minha Honra, *Presidente Ezra Taft Benson*
 - 24 Liberdade, Paz e Segurança, *Élder Robert L. Simpson*
 - 26 O Testemunho do Espírito Santo, *Arlin P. Nesper*
 - 29 Trabalhar Juntos nos Conselhos de Família
 - 32 Recuperar o Membro Afastado, *Marilyn Brick Taft*
 - 34 "Seu Plano É Perfeito — Não Tenho Medo", *JoAnne Bray*
 - 35 O que Se Vê Hoje
 - 41 Perguntas & Respostas: Jejum, *J. Roger Fluhman*
- Seção Infantil:
- 1 O Estalido do Chicote, *Mary Pratt Parrish*
 - 4 Tempo de Compartilhar: Divertir-se com os Favoritos, *Pat Graham*
 - 5 Tornar-se Mais Parecido com Jesus, *Histórias das Escrituras*
 - 7 Música: Buscai o Senhor, *Joanne Doxey*
 - 8 Divertimentos

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 6.000,00; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 300; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: Cr\$ 750,00.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Imprensoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e

tonganês. Composição: HOMART Fotocomposição e Artes Gráficas Ltda. - Av. Paulista, 900 - 6º andar - Fone: 289-7279 - Impressão: Gráfica Editora Lopes - Rua Manoel Carneiro da Silva, 241 - Fone: 276-8222 - Jardim da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

Mensagem da Primeira Presidência

FORTALECER UNS AOS OUTROS

Presidente Gordon B. Hinckley

Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Que época maravilhosa para se estar vivo! Esta é a melhor fase da história da terra em termos de progresso científico e tecnológico. Além disso, é a “dispensação da plenitude dos tempos” do evangelho, ocasião em que o poder e autoridade das dispensações anteriores foram restaurados na terra. É uma época maravilhosa para ser membro da Igreja, entre milhões deles, todos integrando a maior comunidade de amigos no mundo. Aonde quer que vá, o santo dos últimos dias fiel terá amigos no instante em que se der a conhecer.

Quando o imperador do Japão visitou os Estados Unidos anos atrás, compareci a um almoço que lhe foi oferecido em São Francisco, Califórnia. Sentei-me à mesa com pessoas que não eram membros da Igreja e que haviam morado no Japão, onde conheceram membros da Igreja. O assunto da conversa acabou sendo o choque cultural sentido por pessoas que vão viver entre povos estranhos. Um senhor bastante culto, que vivera muitos anos no exterior, comentou: “Nunca vi nada parecido com seu povo para fazer com que os outros se sintam à vontade e como se estivessem em casa. Sempre que uma família mórmon chegava ao Japão, dentro de uma semana já tinha muitos amigos. Era diferente com as outras pessoas. Muitas sentiam-se extremamente sós e tinham grande dificuldade para se adaptar.”

Lembraí-vos, não estamos sós. Pertencemos a um grande grupo de amigos. Milhares e milhares de pessoas se esforçam em seguir os ensinamentos do Senhor. Mesmo assim, sei que há muitos que são minoria nos lugares em que vivem. Felizmente, no entanto, quase sempre há santos dos últimos dias por perto, pessoas do mesmo tipo que nós, com quem podemos associar-nos livremente e viver os padrões que





aprendemos a valorizar.

Lembro-me de haver entrevistado um missionário desanimado. Ele estava tendo problemas com uma língua que não era a sua; havia perdido o ânimo e queria ir para casa. Era um dos cento e oitenta missionários daquela missão.

Eu lhe disse que, se fosse para casa, seria uma falta de lealdade para com seus cento e setenta e nove companheiros. Cada um deles era seu amigo. Cada um deles oraria por ele, jejuaria por ele e faria qualquer coisa para ajudá-lo. Eles trabalhariam com ele; ensiná-lo-iam; orariam com ele. Ajudá-lo-iam a aprender a língua e a sair-se bem, porque o amavam.

Fico feliz podendo contar que ele aceitou minha promessa de que todos os outros missionários eram seus amigos. Eles vieram em seu socorro, não para deixá-lo embaraçado, mas para fortalecê-lo. O terrível sentimento de solidão o deixou. Deu-se conta de que era parte de um time vencedor. Teve sucesso, tornou-se um líder, e tem sido um líder desde aí.

É isto que todos nós temos de fazer uns pelos outros.

Paulo escreveu aos romanos: "Mas nós, que somos fortes, devemos suportar as fraquezas dos fracos." E depois, acrescentou estas palavras significativas: "E não agradar a nós mesmos." (Romanos 15:1.)

Há uma triste tendência em nosso mundo, hoje, de as pessoas se depreciarem umas às outras. Já vos destes conta de que não é preciso muita inteligência para fazer observações que possam magoar uma outra pessoa? Tentai fazer o oposto disso. Procurai fazer elogios.

Durante muitos anos, no tempo em que era responsável pela obra da Igreja na Ásia, eu entrevistava pessoalmente cada missionário. Perguntava-lhe que virtude ele ou ela via em seu companheiro ou companheira e que gostaria de pôr em prática em sua própria vida.

Quando eu fazia essa pergunta, quase que invariavelmente o missionário, um líder, por exemplo, parava com uma expressão de surpresa no rosto. Ele nunca havia pensado em seu companheiro dessa forma. Vira as faltas e fraquezas do companheiro, mas não suas virtudes. Eu pedia que pensasse nisso por um minuto. Então as respostas começavam a surgir. Eram respostas como: "Ele trabalha muito." "Ele levanta cedo." "Ele é asseado." "Ele não se queixa."

Tornava-se uma coisa realmente estranha. Quase todos aqueles rapazes e moças eram cegos para com as virtudes de seus companheiros, embora estivessem bem conscientes de seus defeitos, tendo muitas vezes se sentido desanimados por causa deles. Mas, quando começaram a mudar de atitude, coisas admiráveis começaram a acontecer.

Sei que todos nós desanimamos de vez em quando. Muitos de nós sentimos, num momento ou noutro, que falhamos. A Bíblia nos conta que até mesmo Jesus chorou. Tenho certeza de que o Profeta Joseph Smith teve um sentimento de fracasso e tristeza, quando atravessou o Rio Mississipi para evitar seus inimigos e depois descobriu que seu próprio povo dizia que ele estava fugindo. Ele respondeu: "Se a minha vida não tem valor para meus amigos, então não tem valor para mim." Voltou e foi para Carthage, Illinois, morrendo pouco tempo depois.

Vi o Presidente David O. McKay com lágrimas nos olhos. Vi o Presidente Joseph Fielding Smith e o Presidente Harold B. Lee e o Presidente Spencer W. Kimball em lágrimas. Todos nós podemos ficar desanimados. Mas, quando penso em desânimo, lembro-me às vezes de um artigo de jornal que li certa vez:

"Se você às vezes ficar desanimado, pense neste sujeito. Ele não terminou a escola primária. Tinha uma loja no interior. Foi à falência. Levou quinze anos para pagar suas contas. Encontrou uma esposa. Casamento infeliz. Foi candidato a deputado federal. Perdeu duas vezes. Concorreu ao senado americano. Perdeu duas vezes. Fez um discurso que se tornou um clássico. A audiência se mostrou indiferente. Atacado diariamente pela imprensa e desprezado pela metade do país. Apesar de tudo isto, imagine quantas pessoas em todo o mundo foram inspiradas por esse homem desastrado, desalinhado e taciturno que se assinava simplesmente A. Lincoln." (Wall Street Journal.)

Quando estiverdes deprimidos, é importante vos lembrardes de que muitos outros também sentem-se assim, e que geralmente a situação deles é muito pior que a vossa. É importante saber que, quando um de nós está deprimido, dar-lhe novo ânimo torna-se obrigação de seus amigos. Espero que todos nós cultivemos essa sensibilidade para com

É uma época maravilhosa para ser membro da Igreja... integrando a maior comunidade de amigos no mundo.

os sentimentos alheios; e quando houver necessidade de encorajamento, façamos um esforço para dá-lo. Sede amigos, e tereis amigos. Agradecemos a Deus pelos amigos maravilhosos que temos.

Há também em nossa sociedade uma triste tendência de nos subestimarmos. Outras pessoas podem parecer-nos auto-confiantes, mas o fato é que quase todos temos certo senso de inferioridade. O importante é não falardes a vós mesmos a respeito disso. Nem todos podem ser altos, morenos e bonitos. Nem todos podem ser magros ou ter um belo rosto. O importante é fazer o melhor de tudo o que temos.

Não percais tempo sentindo pena de vós mesmos. Não vos substimeis. Nunca vos esqueçais de que sois filhos de Deus. Tendes um direito divino à herança. Alguma coisa da própria natureza de Deus existe em vós. Diz o salmista: "Vós sois deuses, e vós outros sois todos filhos do Altíssimo." (Salmos 82:6.)

Acho que Davi devia estar sentado debaixo de um céu estrelado, pensando nesse grande potencial, quando escreveu:

"Que é o homem mortal para que te lembres dele? e o filho do homem, para que o visites?"

"Contudo, pouco menor o fizeste do que os anjos, e de glória e de honra o coroaste."

"Fazes com que ele tenha domínio sobre as obras das tuas mãos; tudo puseste debaixo de seus pés." (Salmos 8:4-6.)

Toda pessoa tem potencial para grandes coisas. O Senhor disse, através de revelação: "Sê humilde; e o Senhor teu Deus te conduzirá pela mão e responderá às tuas orações." (D&C 112:10.) Que maravilhosa promessa, e como é aplicável ao nosso desenvolvimento pessoal!

Há um outro traço característico relacionado ao nosso progresso, que gostaria de comentar. Em nossa época tão adiantada do ponto de vista

acadêmico, vê-se muito daquilo que chamo de arrogância intelectual. É em grande parte uma coisa falsa e ilusória. E, por ser ilusória, geralmente leva ao cinismo e, por fim, ao desânimo, de uma forma ou de outra.

Um profeta do Livro de Mórmon disse: "Oh! Quão astuto é o plano do maligno! Oh! A vaidade, fraqueza e insensatez dos homens! Quando são instruídos, pensam que são sábios e não ouvem os conselhos de Deus, pondo-os de lado, supondo que sabem por si mesmos; portanto, sua sabedoria é insensatez e não lhes traz proveito. E eles perecerão." (2 Néfi 9:28.)

Houve um acontecimento significativo na história da Igreja. Diz respeito a um homem que era grande e depois caiu, porque se tornou um tanto arrogante. Com relação a ele, o Presidente Wilford Woodruff disse: "Vi Oliver Cowdery, quando parecia que a terra tremia sob seus pés. Nunca ouvi um homem prestar um testemunho mais forte do que ele, quando estava sob a influência do Espírito. Mas, no momento em que deixou o reino de Deus, nesse momento seu poder caiu como um relâmpago do céu. Sua força foi-lhe retirada, como a de Sansão no seio de Dalila. Ele perdeu o poder e o testemunho que havia desfrutado, e nunca mais o recobrou em sua plenitude enquanto na carne, embora tivesse morrido como membro da Igreja." (Citado por Stanley R. Gunn, *Oliver Cowdery: Second Elder and Scribe*, Salt Lake City: Bookcraft, 1962, p. 73.)

À medida que os anos passam, cada um de nós enfrenta desafios íntimos, geralmente em áreas nas quais precisa progredir e refinar-se. Podem surgir perguntas em nossa mente com relação à Igreja, sua história, sua doutrina, suas práticas. Quero prestar-vos testemunho concernente a esta obra. Nela estou profundamente envolvido há mais de meio século. Venho

trabalhando com os presidentes da Igreja desde a gestão do Presidente Heber J. Grant. Conheci bastante bem o Presidente Grant, o Presidente George Albert Smith, o Presidente David O. McKay, o Presidente Joseph Fielding Smith, o Presidente Harold B. Lee e o Presidente Spencer W. Kimball. Conheci os conselheiros de todos eles e conheci o Conselho dos Doze durante esses anos todos. Todos esses homens foram humanos. Tiveram características humanas e talvez algumas fraquezas humanas. Entretanto, acima de tudo, houve na vida de todos eles uma irrefutável prova da inspiração de Deus. Todos os presidentes têm sido profetas de uma forma muito real. Testemunhei intimamente o espírito de revelação sobre eles. Cada um deles chegou à presidência depois de muitos anos de experiência como membro do Conselho dos Doze e em outras posições. O Senhor os refinou e poliu, deixou que conhecessem desânimo, e fracasso, que experimentassem doença e, em alguns casos, profundo pesar. Tudo isso tornou-se parte do grande processo de refinamento, e o efeito desse processo evidenciou-se belamente em sua vida.

Meus queridos amigos no evangelho, esta é a obra de Deus. É a sua Igreja e a Igreja de seu Filho Bem-Amado, cujo nome ela ostenta. Deus nunca permitirá que um impostor esteja à frente dela. Ele chamará seus profetas, e inspirá-los-á e dirigi-los-á. Joseph Smith foi seu grande profeta do alvorecer desta dispensação da plenitude dos tempos. Alegres e fiéis podemos cantar: "Hoje ao profeta rendamos louvores. Foi ordenado por Cristo Jesus." (*Hinos*, nº 108.)

Que o Senhor abençoe a cada um de nós com fé, e com o testemunho dessa grande e sagrada obra. Possa também dar alegria a cada um de nós, através do serviço que prestamos no cumprimento dos planos de Deus com relação à sua grande obra nestes

últimos dias.

O próprio Senhor o disse: "As chaves do reino de Deus são entregues aos homens na terra, e como a pedra que, sendo cortada da montanha, sem mãos, rolará adiante até que encha toda a terra." (D&C 65:2.) □

Idéias para os Mestres Familiares

Alguns Pontos que Merecem Ênfase.

Talvez você queira ressaltar estes pontos em sua mensagem:

1. É importante saber que todos nós ficamos desanimados de vez em quando.

2. Todos nós devemos cultivar essa sensibilidade em relação aos sentimentos alheios, e quando houver necessidade de encorajamento, devemos fazer um esforço para dá-lo.

3. Não percamos tempo sentindo pena de nós mesmos. Não nos subestimemos.

4. Procuremos elogiar e fortalecer os outros.

5. O Senhor refinou e poliu todos os presidentes da Igreja, deixou que conhecessem desânimo e insucesso, que experimentassem doença e tristeza. Esse grande processo de refinamento, tão evidente na vida deles, é parte da vida de cada um de nós.

Sugestões para o Debate

1. Fale de seus sentimentos pessoais ou experiências relacionadas a como vencer o desânimo. Peça aos membros da família que compartilhem seus sentimentos.

2. Há escrituras ou citações neste artigo que a família poderia ler em voz alta e debater?

3. Seria preferível abordar este assunto, depois de conversar primeiramente com o chefe da família? O líder do quorum ou bispo tem uma mensagem para o chefe da família a respeito da necessidade de encorajamento?

PESQUISANDO O LIVRO DE MÓRMON: Parte 3

“EIS QUE ESTOU CONVOSCO”

Cherrie B. Warnock



Estava aterrorizado, e comecei a orar em pensamento: “Pai Celestial, por favor, abençoa-me!”

Lembro-me bem de quando tinha sete anos, e o batismo parecia tão distante, como se nunca fosse chegar a minha vez. Eu observara com emoção quando vários membros de minha classe da Escola Dominical foram batizados e confirmados. De certa forma, eles me pareciam diferentes depois do batismo, e muito importantes.

Por fim, chegou o verão, e a Irmã Nielsen, nossa professora, lembrou à classe que eu era o próximo. Mal podia acreditar que chegara a minha hora. Deveria ser batizado no dia do meu aniversário, 24 de julho, Dia dos Pioneiros, comemorado pelos santos dos últimos dias. Fui confirmado à

beira da água, sendo-me prometido que poderia ter o Espírito Santo como companheiro constante. Senti uma enorme felicidade e contentamento.

Mas, à medida que os dias se transformavam em meses, comecei a sentir com certo desapontamento que, para um companheiro constante, o Espírito Santo se mostrava constrangedoramente silencioso. Às vezes, eu imaginava se deixara de alguma forma de viver de acordo com a minha promessa especial e confirmação.

Então chegou o segundo verão após o batismo. Estava com dez anos e era grande para minha idade. Conseguia terminar rapidamente as tarefas que me

cabiam em casa e escapar para a casa de minha avó na fazenda que ficava a certa distância. Meus pés pareciam ter asas, e eu corria pelo caminho, ansioso por estar com a pessoa mais querida que conhecia.

Era época da fenação, e os homens que trabalhavam com o feno já estavam no campo enquanto eu corria pelo caminho. Na casa de vovó, haveria longas mesas vergando-se sob o peso da comida maravilhosa: produtos do pomar, pão fresquinho e tortas de amora.

O dia parecia voar, como todos os dias especiais de verão passados com minha avó. Era com grande relutância que me despedia para a volta. Como

sempre, detestava deixar o calor gostoso da agradável cozinha de minha avó, mas vira as sombras se alongando sobre as árvores e encobrindo o morro perto de sua casa. Sabia que, se me demorasse mais, ficaria escuro antes de chegar em casa — um pensamento inquietante, apesar de poder ver as janelas iluminadas de minha casa chamando-me à distância, lá embaixo no vale do rio.

Sentei-me por alguns momentos no degrau, aspirando o doce perfume de fruta amadurecendo no pomar e das rosas crescendo por sobre a varanda dos fundos. “Por que tem que escurecer?” pensei.

Com um suspiro de resignação, atravessei o jardim e passei pelo portão. Chegando à porteira da colina, percebi repentinamente que a noite havia caído. Até mesmo as sombras haviam desaparecido. Chutei algumas pedras ao descer a encosta escarpada, ouvindo-as saltar de saliência em saliência até chegarem embaixo. Geralmente era engraçado chutar pedras morro abaixo, mas, naquela noite, o barulho que faziam parecia ameaçador quando desapareciam na noite.

Ao alcançar o sopé da colina, lembrei-me de que havia grandes sulcos cheios de água nos lugares em que muitos carroções haviam passado durante o dia. Eu havia pulado de pedra em pedra para vencer esse pedaço quando viera, mas a escuridão tornava isso impossível agora. “Bem”, pensei, “está calor, e meus sapatos são velhos mesmo.” Fui atolando por todo o caminho, escorregando e derrapando pelas pedras e pelo lamaçal.

As rãs que haviam coaxado bem alto agora estavam silenciosas, fazendo meu medo aumentar como um negro fantasma. “Vou cantar”, disse a mim mesmo, e comecei a cantar um hino que eu sentia ser destinado especialmente àqueles que, exatamente como eu, ficavam com medo: “Com valor marchemos, hostes de Jesus,

O último vestígio de coragem desapareceu, qual folha arrastada por um turbilhão. Estava aterrorizado, e comecei a orar em pensamento.

empunhando as armas da divina luz!”

As palavras mal haviam saído de minha boca, quando uma voz em minha mente sussurrou-me: “Fique quieto, e ouça.”

Por um momento, fiquei assustado, mas depois pensei que era tolice e comecei a cantar com mais vigor ainda: “Empunhando as armas da divina luz”, e marchei, para aumentar minha coragem que diminuía.

Desta vez, minha mente encheu-se com a ordem: “Fique quieto, e ouça!”

Parei abruptamente, e as batidas de meu coração pareciam mais altas que o ruído de minha marcha com os sapatos molhados apenas alguns momentos atrás. Resolutamente, respirei fundo e comecei a cantar: “Com valor...” Mas, antes que as palavras viessem, mais exigente que nunca, ouvi “Fique quieto!”

Parei. O último vestígio de coragem desapareceu, qual folha arrastada por um turbilhão. O que fazer? Estava aterrorizado, e comecei a orar em pensamento: “Pai Celestial, por favor, abençoa-me!” Não conseguia sequer pensar no que deveria pedir. Apenas repetia: “Pai Celestial, por favor, abençoa-me”, até que a sensação de terror desapareceu e uma doce certeza encheu meu ser. Então ouvi as palavras: “Saia da estrada!”

Desta vez, obedeci imediatamente, e caminhei tão silenciosamente quanto antes fora barulhento, mais sentindo do que vendo meu caminho. Andei meio quilômetro pelo campo ao lado da estrada, envolvido pela escuridão total. Minha respiração parecia

suspensa, e eu ouvia atentamente todos os sons noturnos à minha volta, alguns facilmente identificáveis, outros estranhos e difíceis de distinguir.

A passagem do córrego estava bem à minha frente, e pensei imediatamente no portão próximo, perguntando-me se seria melhor pulá-lo ou passar pela cerca. No mesmo instante, veio a resposta: “Não atravesse o portão.”

Onde eu devia atravessar, então? Parei novamente, desta vez para pensar no córrego e suas margens pantanosas cobertas de juncos e capoeira. Já seria bastante difícil à luz do dia, mas, à noite?...

Então senti o odor trazido pelo ar da noite, mensageiro de terror e reconhecimento instantâneo: o cheiro de fumaça de tabaco, acre e penetrante! Havia alguém perto do portão, com certeza, e meus nervos tensos me asseguraram de que essa presença era ameaçadora.

Como atravessei o riacho pantanoso e cheguei ao outro lado, eu não sei até hoje. O que está claro e muito vivo em minha mente é minha chegada em casa e minha explicação por estar todo sujo e rasgado, e as circunstâncias que levaram a isso.

Meu pai acreditou em minhas palavras sem dúvida. Calçou as botas, pegou a espingarda e embrenhou-se na escuridão pelos campos. Voltou muitas horas depois sem nenhuma explicação, mas com a certeza confortadora de que, sem dúvida, eu fizera a coisa certa.

Embora esse incidente marcasse o fim de minhas longas e agradáveis voltas para casa ao cair da noite, sou feliz e grato pelo conhecimento de que realmente tinha a companhia do Espírito Santo. Quão grato sou por esse conhecimento, pois tem-me servido muito. Tenho certeza de que será assim até o fim de minha vida. O Salvador não prometeu: “E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos?” (Mateus 28:20.) □

PESQUISANDO O LIVRO DE MÓRMON: Parte 3

John L. Sorenson

Como Vem Sendo Alterada Nossa Compreensão da Antiga América e Suas Escrituras



Esté é o artigo final da série que tentou focalizar as conquistas contemporâneas no conhecimento e ciências que parecem apoiar e até mesmo esclarecer o Livro de Mórmon. Os artigos anteriores da série abordaram tópicos como geografia, os limites da arqueologia, população, uso do metal e documentos escritos.

Outros tópicos importantes — estrutura política, formas de povoamento, comércio, sociedades secretas — poderiam agora ocupar nossa atenção, mas talvez mais valioso que isto seria uma demonstração da grande variedade de tópicos sobre os quais foi lançada uma nova luz nestes dias. Esta amostragem de novas conquistas dará ênfase ao fato de que aquilo que algumas pessoas — até

mesmo pessoas famosas — pensavam saber a respeito da primitiva civilização americana em relação ao Livro de Mórmon, não era necessariamente correto.

No passado, autores SUD compararam as “vias” e “caminhos” mencionados em 3 Néfi (6:8; 8:13) às estradas revestidas de calcário (sacbes) da Península de Yucatán (México). As que foram identificadas até vinte anos atrás, concentravam-se quase todas nessa área restrita e pareciam ser bem posteriores à época do Livro de Mórmon. Estudos recentes, no entanto, mostram que a construção de estradas tem uma longa história e ocorreu de um extremo a outro da América Central.

A estrada mais antiga conhecida até hoje, situa-se em Komchen, no extremo

Um fac-símile do Códice Borgia, descoberto na região central do México, que relata acontecimentos e conquistas dinásticas que chegam até 700 A.D. É um "livro" de pele de veado dobrada, idêntico em forma aos códices dos maias, escrito em papel feito da casca batida de figueiras bravas, que era então coberta com pasta de cal e pintada com figuras e hieróglifos de várias cores.

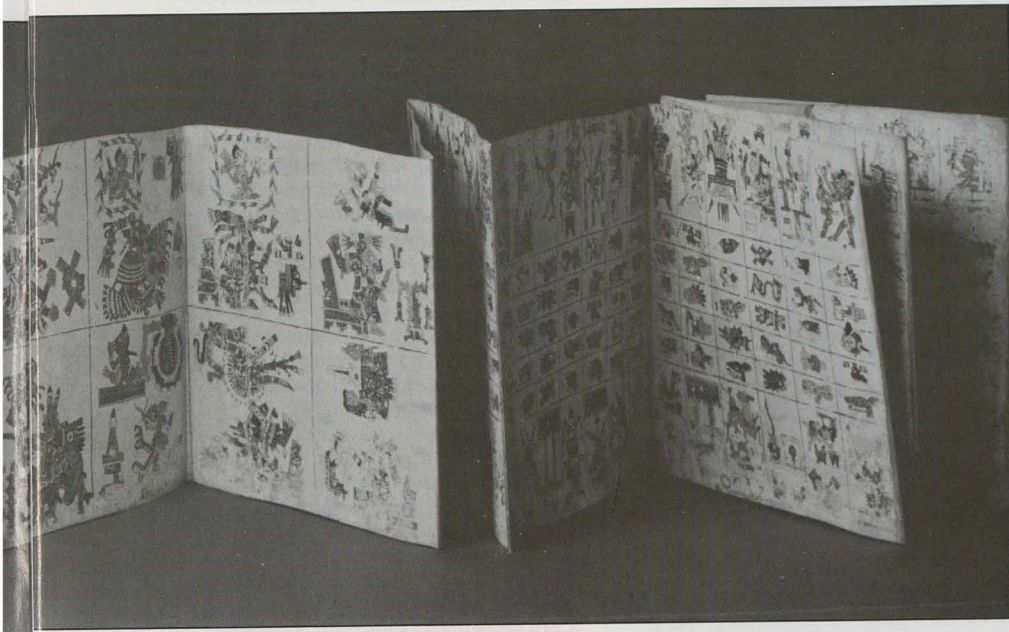


norte de Yucatán. E. Willys Andrews V e seus colegas da Universidade de Tulane dataram uma delas de aproximadamente 300 A.C.⁽¹⁾ Em Cerros, Belize, antiga Honduras Britânica, uma outra estava em uso entre 50 A.C. e 150 A.D.⁽²⁾ As estradas foram construídas em La Quemada, Estado de Zacatecas, México, no extremo norte da América Central.⁽³⁾ Outras foram encontradas em Xochicalco, exatamente ao sul da Cidade do México, onde existem três quilômetros de estradas pavimentadas,⁽⁴⁾ e no Monte Alban.⁽⁵⁾ Muitas das vias públicas citadas são modestas estradas locais, embora em Yucatán exista uma longa estrada de uns cem quilômetros de extensão.⁽⁶⁾ Fica claro que o conhecimento atual a respeito das datas e natureza da construção de estradas não é inconsistente com a idéia de que "estradas" se desnivelaram e "tornaram-se escabrosas" na época da morte de Cristo. (3 Néfi 8:13.)

Os santos dos últimos dias durante muito tempo deram especial atenção ao "cimento" na antiga América. Provavelmente algum especialista deve ter declarado que não se conhecia o cimento. No entanto, ninguém nas duas últimas gerações de estudiosos diria isso. Por toda a América Central, usavam-se diversos tipos de concreto de grande durabilidade. Hoje, o mais interessante não é a simples presença do concreto, mas a relativa sofisticação em seu emprego. Em El Tajin, perto da Costa do Golfo, a leste da Cidade do México, por exemplo, os telhados eram feitos de placas únicas de concreto que cobriam espaços de até setenta e cinco metros quadrados. A composição, neste caso, era feita com conchas do fundo do mar e areia com mistura de pedra-pome triturada ou fragmentos de cerâmica. A massa era jogada então em formas de madeira pré-moldadas. Às vezes, os construtores enchiam todo o recinto com pedras e barro, aplainavam a superfície para receber o concreto, e

depois de seca a laje superior, removiam o "enchimento".⁽⁷⁾ Embora as ruínas de Tajin datem de época posterior à do Livro de Mórmon, sabemos que já se usava concreto genuíno antes da época de Cristo.⁽⁸⁾

Os animais citados no Livro de Mórmon apresentam uma questão complexa. Em primeiro lugar, os nomes traduzidos como cavalo, gado, bode e assim por diante, não se referem necessariamente às espécies que nos vêm à mente, quando lemos esses termos. A denominação aleatória de animais entre os povos recém-estabelecidos pelo mundo afora nos previne contra esse tipo de simplificação. Por exemplo, os nefitas descobriram tanto "cabras" como "cabras monteses" na terra onde se estabeleceram de início (1 Néfi 18:25); assim, "monteses" não significa aquilo que à primeira vista supomos, pois o texto indica que ambos os animais foram encontrados aparentemente em estado selvagem na floresta. Assim, seria obviamente



perigoso presumir que as criaturas mencionadas no registro eram idênticas aos animais que conhecemos como cabras.

A semântica dos nomes de animais (e plantas) é um problema na interpretação de todos os textos de outras épocas. Até mesmo uma descrição de apenas quatrocentos anos atrás — a de Diego de Landa, a respeito da Península de Yucatán — faz afirmações que os cientistas de hoje não conseguem interpretar. Transferir termos linguísticos e conhecimento de uma cultura para outra é bastante problemático. Assim, os espanhóis referiam-se ao bisão americano (o “búfalo”) como vaca; os índios delaware chamavam a vaca européia de veado; e os índios miami denominavam nossa ovelha de “parecida-com-uma-vaca”. Ao mesmo tempo, os maias das terras baixas denominaram humoristicamente a ovelha espanhola de *taman*, que traduzido aproximadamente significa “algodão que se pode comer”.

O Bispo Landa considerou o pequeno cervo de Yucatán “uma espécie de pequena cabra montês”. Observou, também, que a anta tinha o tamanho de uma mula, mas o casco como o de boi, e todavia o nome espanhol que lhe deram significa, traduzido, “outrora-um-asno”⁽⁹⁾. Vemos que a terminologia é um problema complexo que tem de ser resolvido com muito cuidado.

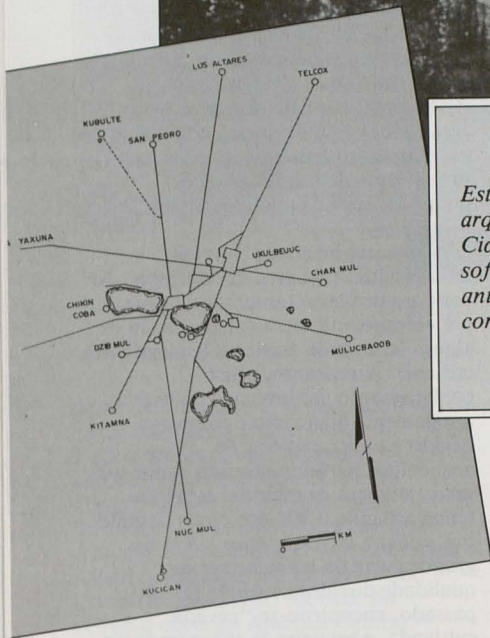
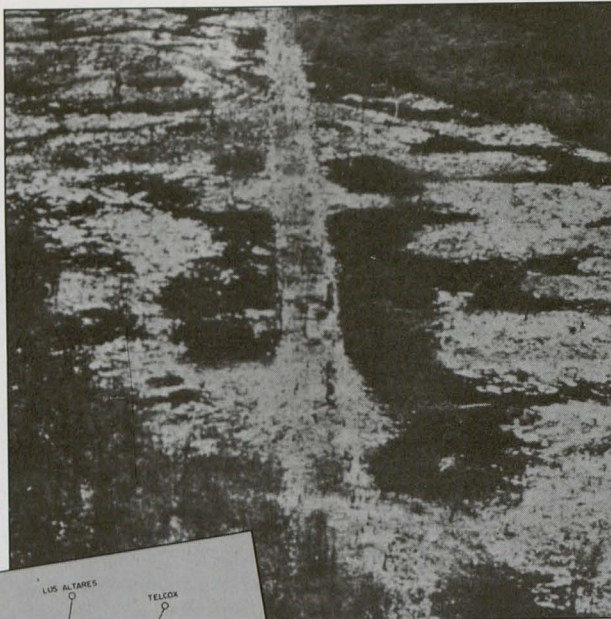
Usar evidências históricas e científicas para determinar quais os animais realmente presentes na América Central pré-colombiana, dá muitas possibilidades a cada um dos animais mencionados no Livro de Mórmon. Por exemplo, um animal colocado possivelmente na categoria de “gado” é o veado; observadores da expedição de Cortez observaram rebanhos semi-domesticados de vedos na região dos maias,⁽¹⁰⁾ e relatou-se que uma tribo de El Salvador os pastoreava rotineiramente. Outra evidência indica que a alpaca, animal sul-americano semelhante ao camelo, pode ter estado

presente no sul do México, e tão ao norte quanto Costa Rica foram descobertas estatuetas de lhamas levando cargas. Estatuetas representando seres humanos montados em animais, um deles inequivocamente um veado, foram encontradas no México e na Guatemala.⁽¹¹⁾ Talvez, então, o veado pudesse ter sido chamado de “cavalo”.

Vistos em conjunto, os indícios encontrados tornam difícil aceitar a opinião dos especialistas convencionais de que os povos da América Central, na época pré-colombiana, não tinham muito interesse pelos animais e faziam pouco uso deles, exceto como caça.⁽¹²⁾ Nem todas as afirmações contidas no Livro de Mórmon a respeito de animais, no entanto, se enquadram nas descobertas científicas, mas as duas concepções se aproximaram bastante nas últimas décadas. Mais pesquisas provavelmente trarão soluções plausíveis para as questões ainda pendentes.

As plantas de certas culturas mencionadas no Livro de Mórmon não constam dos levantamentos da flora pré-colombiana, para consternação de alguns leitores da escritura (e alegria dos críticos). No entanto, nosso conhecimento das lavouras cultivadas antigamente ainda não é completo, devido à pouca exploração arqueológica. (Seria otimista supor que nossa amostra de material escavado tenha atingido 0,001 por cento daquilo que poderia ser explorado, além de grande parte do trabalho ser de qualidade duvidosa.) Ainda no ano passado, encontrou-se “cevada cultivada, a primeira já encontrada no Novo Mundo”, numa escavação no sul do Arizona.⁽¹³⁾ Isto é particularmente interessante, uma vez que o Livro de Mórmon se refere à cevada em relação aos padrões monetários dos nefitas, como se ela fosse de uso comum. (Veja Alma 11:7, 15.) Este exemplo deveria transmitir uma mensagem de cautela ao leitor inteligente e ao cientista também; tanto os “fatos” como a interpretação mudam; o que falta hoje no registro histórico-arqueológico pode ser completado por futuras pesquisas.

Esta mesma mensagem foi recentemente enviada por dois outros



Estes alicerces restaurados no sítio arqueológico de Teotihuacan, perto da Cidade do México, México, mostram a sofisticação no uso do cimento, na antiga América Central. (Fotos por cortesia de V. Garth Norman.)

arqueólogos que, trabalhando na América do Sul, descobriram plantas que “não se supunha existirem ali”. Terence Grieder e Alberto Bueno Mendoza comunicaram o achado de restos de folhas de mangueira e bananeira num sítio pré-colombiano do Peru. Outro arqueólogo retrucou, através da imprensa, que eles “não poderiam ter achado” tais restos, pois essas plantas só chegaram ao Novo Mundo trazidas pelos europeus. A resposta dos primeiros confirmou sua descoberta, acrescentando com certa

exasperação: “Se só podemos descobrir o que já é conhecido, poderíamos evitar a trabalhadeira das escavações.”⁽¹⁴⁾ Fica-se imaginando quantos novos materiais poderíamos descobrir, se a amostragem das escavações fosse o dobro do que temos agora.

Não é apenas maior número de escavações que produz novas informações importantes. Linda Schele tem sido uma das líderes do recente trabalho de decifração de mais hieróglifos maias, com atenção especial para as inscrições do espetacular Palenque, no sul do México. Novas informações dramáticas foram produzidas.

Uma das coisas decifradas por Linda Schele foram os prováveis períodos de reinado dos governantes de Palenque. O nome do que estava no poder por volta dos anos 600 a 670 A.D. parece ter sido

Pacal, o Grande; Chan-Bahlun o seguiu, num reinado de trinta anos; e mais tarde, Kuk esteve no poder por quarenta anos. Linda Schele afirma que “de fato, os governantes de vida longa parecem ter sido a regra, não a exceção, nos documentos dinásticos dos maias”⁽¹⁵⁾. Esses períodos parecem irrealmente longos para algumas pessoas. Antropólogos físicos que examinaram ossos tirados dos túmulos “reais” no local (que são notavelmente semelhantes aos do Egito, diga-se de passagem⁽¹⁶⁾) acreditam que eles sejam de homens mais jovens.

Então, temos um resultado paradoxal — os fatos mostrados pelos ossos diferem dos fatos mostrados pelo que está escrito. Não podemos ainda resolver a questão. Da mesma forma, alguns críticos do Livro de Mórmon descobriram que a duração dos reinados atribuídos aos Jareditas são incríveis. O Livro de Mórmon, então, iguala-se às inscrições maias fornecendo informações a respeito das quais a ciência e a história não chegaram ainda a um veredito. O importante é que o relato dos Jareditas se torna mais crível por ser semelhante a outros escritos antigos.

Quando examinamos os dados levando em consideração muitos outros tópicos, descobrimos inúmeros pontos nos quais o Livro de Mórmon concorda cada vez mais com o conhecido pelos especialistas em América Central, não apenas de maneira geral, mas, em alguns casos, em pequenos detalhes. “Sheum”, o nome não traduzido de alguma cultura em Zeniff (Mosiah 9:9) foi por fim reconhecido, depois de cento e quarenta anos de desconhecimento, como o termo acádio (idioma babilônio) para cevada, *ce'um* (interessante é que, nessa forma, ele pertence ao terceiro milênio A.C., quando os Jareditas saíram da Mesopotâmia, e a nenhuma época posterior)⁽¹⁷⁾. Uma palavra maia que significa ouro, *naab*, é semelhante à palavra egípcia *noub*, com o mesmo significado; a palavra *hamatin*, cobre, usada pelo povo de Zenoque lembra a palavra egípcia *hmty*, com idêntico sentido. Alma e Samuel profetizaram a respeito de acontecimentos críticos no final de períodos cíclicos, inclusive um

período de quatrocentos “anos”, como fizeram profetas entre os maias⁽¹⁸⁾. E assim por diante.

Retomada

Eu disse repetidamente que as correspondências nos aspectos geográficos, históricos e culturais — em grande ou pequena escala entre as culturas da América Central e os povos do Livro de Mórmon, não “provam” nada conclusivamente. Ainda assim, *o fato de existir um grande número de coincidências* deve ser significativo para as pessoas que amam a verdade. Com isto em mente, é claramente ilusório que um estudioso afirme que não existem “evidências arqueológicas importantes” para apoiar a história contada no Livro de Mórmon a respeito da “origem dos índios”⁽¹⁹⁾, ou que outro ache engraçado que alguém tente seriamente comparar o Livro de Mórmon com fatos objetivos de importância histórica.⁽²⁰⁾

Pessoas atualizadas e bem informadas não deveriam fazer tais observações ultrapassadas e ingênuas. Nem devem arqueólogos despreparados quanto ao assunto, pretender negar a historicidade do Livro de Mórmon. A provada coincidência entre o Livro de Mórmon e um vasto número de dados a respeito da América Central, mesmo sem considerar as coincidências com exemplos do Velho Mundo, realmente deveria silenciar os pseudo-entendidos até haverem pesquisado minuciosamente o que agora é um conjunto complexo de informações. E aqueles que realmente pesquisam e discutem esse assunto, devem fazê-lo unicamente por meio de métodos seguros.

Cuidadosamente comparado com os fatos mostrados por fontes externas, o Livro de Mórmon é impressionante, em minha opinião, embora uma grande parte da tarefa ainda esteja por fazer. Ainda assim, o livro em si está acima e independente de qualquer coisa que os estudos acadêmicos a seu respeito possam mostrar. Nem críticos nem apologistas mudam a história; eles podem apenas tecer comentários a respeito de uma realidade que é mais influente do que qualquer coisa que possam dizer a respeito dela.

Junho de 1985



A estatueta de um homem montado num cervo adorna a tampa de um recipiente para queimar incenso, com a altura total de 26,5 centímetros. Os chifres do cervo e a parte central do cabelo do homem estão faltando. De Poptun, Guatemala.

Não nos deve surpreender que os especialistas em América Central no primeiro terço deste século estivessem mal informados e seriamente enganados a respeito da civilização dessa área. Eles fizeram o melhor que puderam com as limitadas informações de que dispunham. Hoje, também, os estudiosos mais bem informados estão sujeitos a se enganarem, a longo prazo, a respeito de tópicos importantes relativos à antiga América. A melhor defesa contra esse percalço é uma mente aberta.

Os arqueólogos especializados em América Central foram recentemente criticados por um de seus colegas, devido à “sua adesão determinada e freqüentemente desafiadora a hipóteses que não eram mais sustentáveis... Novas descobertas... derrubaram velhas hipóteses. Não obstante, as hipóteses foram apresentadas como teorias e ferozmente defendidas, em detrimento do... conhecimento científico dos habitantes pré-hispânicos da América

Central,” diz a Dra. Judith Ann Remington⁽²¹⁾. Os arqueólogos agora aceitos como líderes em sua profissão, queixa-se ela, consideraram explicações inteligentes — idéias que não concordam com sua própria ortodoxia — como “especulações... perigosamente próximas ao que se diz a respeito das propriedades místicas das pirâmides, a vinda de cosmonautas alienígenas, ou da busca às tribos perdidas de Israel”⁽²²⁾. Ela acredita que esteja surgindo uma nova geração de especialistas em América Central de mente menos estreita e menos preocupada com idéias não convencionais que poderiam “revolucionar todo o campo de pesquisa da América Central”, conforme o colocou um famoso cientista, e mais preocupada em simplesmente encontrar a verdade. Nós, santos dos últimos dias, podemos esperar que a nova geração considere seriamente o Livro de Mórmon em relação às recentes descobertas

arqueológicas.⁽²³⁾

Todavia, não devemos sentir-nos superiores, quando os estudiosos são criticados por sua mentalidade estreita. Nosso povo tem mostrado uma decisiva tendência de substituir o confortador "entendimento popular" por fatos em certos assuntos, particularmente relacionados à arqueologia. Temos que esperar novos fatos e interpretações a respeito dos antigos nefitas e Jareditas, pois, com certeza, aparecerão. O Elder B.H. Roberts nos ensina sabiamente a respeito:

"Permitam que eu diga algumas palavras em relação às novas descobertas no conhecimento do Livro de Mórmon e, na verdade, em relação a todos os assuntos ligados à obra do Senhor na terra. Não precisamos acompanhar nossas pesquisas com espírito de medo e temor. Desejamos apenas descobrir a verdade; nada mais que a verdade permanecerá; e a descoberta da verdade e a proclamação da verdade, em qualquer caso, ou a respeito de qualquer assunto, não causará nenhum mal à obra do Senhor, que é, em si mesma, verdade. Também não precisamos surpreender-nos, se algumas vezes descobrirmos que nossos predecessores, muitos dos quais têm nomes honrados e merecem nosso respeito e gratidão por aquilo que conseguiram para esclarecer a verdade, como eles a concebiam — não nos devemos surpreender, se vez por outra descobrirmos que eles erraram nas concepções e deduções; exatamente como as gerações que nos sucedem, revelando mais amplamente certas verdades ainda não aprendidas do evangelho, descobrirão que nós acalentamos alguns conceitos errados e fizemos algumas deduções erradas em nossa época..."⁽²⁴⁾ Tudo o que se sugere, especialmente aos membros da Igreja, é que possam estar preparados para descobrir e receber novas verdades, tanto no próprio Livro de Mórmon, quanto a respeito dele. □

NOTAS

1. E. Wyllys Andrews V et al., "Komchen: An Early Maya Community in Northwest Yucatan". Trabalho apresentado em 1981, na reunião da

Sociedad Mexicana de Antropología, em San Cristobal, Chiapas, p. 15.

2. E. Wyllys Andrews V, "Dzibilchaltun", J. A. Sabloff, editor, *Supplement to the Handbook of Middle American Indians*, vol. 1, *Archaeology* (Austin; University of Texas Press, 1981), p. 322.
3. Pedro Armillas, "Investigaciones Arqueológicas en El Estado de Zacatecas", *Boletín*, Instituto Nacional de Antropología e Historia¹⁴ (Dic. 1963), pp. 16-17.
4. "Current Research", *American Antiquity* 45 (1980), p. 623.
5. Richard E. Blanton e Stephen A. Kowalewski, "Monte Alban and After in the Valley of Oaxaca", J. A. Sabloff, op. cit., p. 106.
6. Antonio Bustillos Carrillo, *El Sacbe de los Mayas: Los Caminos Blancos de los Mayas, Base de su Vida Social y Religión*, 2.^a ed. (México: B. Costa-Amic Editorial, 1974), p. 23.
7. Instituto Nacional de Antropología e Historia, *El Tajín: Official Guide* (México: INAH, 1976).
8. David S. Hyman, *Precolumbian Cements: A Study of Calcareous Building Construction*. (Baltimore: Johns Hopkins University Department of Geography and Environmental Engineering, 1970), p. ii. Maurice Daumas, editor, *Histoire Generale des Techniques*, Tome I (Paris: Presses Universitaires de France, 1962), p. 403.
9. John L. Sorenson, *An Ancient American Setting for the Book of Mormon*, (Provo: Foundation for Ancient Research and Mormon Studies, em impressão). O capítulo 7 fornece extensa documentação.
10. Dennis Puleston, "The Role of Semi-domesticated Animal Resources in Middle American Subsistence", trabalho lido na 37.^a Reunião Anual, Society for American Archaeology, 1972.
11. A. V. Kidder, "Miscellaneous Specimens from Mesoamerica", *Carnegie Institution of Washington, Notes on Middle American Archaeology and Ethnology*, n.º 117 (março 1954), p. 20, Fig. 4e. A documentação relacionada é dada em meu artigo "Wheeled Figurines in the Ancient World", *Foundation for*

Ancient Research and Mormon Studies, Preliminary Report (Provo, 1981), p. 14.

12. Eugene Hunn, "Did the Aztecs Lack Potential Animal Domesticates?" *American Ethnologist* 9 (1982), pp. 578-88.
13. Daniel B. Adams, "Last Ditch Archaeology", *Science* 83 4 (dezembro 1983), p. 32.
14. "Letters to the Editor", *Archaeology* 34 (maio-junho, 1981), p. 7.
15. Linda Schele, "Sacred Site and World-View at Palenque", E. P. Benson, editor, *Mesoamerican Sites and World-Views* (Washington: Dumbarton Oaks, 1981), p. 112, 116-17.
16. Alberto Ruz L., *Costumbres Funerarias de los Antiguos Mayas* (México: UNAM — Universidad Nacional Autónoma de México, Seminário de Cultura Maya, 1968); Alberto Ruz L., *Palenque: Official Guide* (México: INAH, 1960), p. 46.
17. Robert F. Smith, "Some 'Neologisms' from the Mormon Canon", *Conference on the Language of the Mormons, 1973* (Provo: Brigham Young University, Language Research Center, 1973), p. 66.
18. Sorenson, *An Ancient American Setting*, cap. 6, pp. 28-33 do manuscrito.
19. Marvin Hill, "Review of *The Mormon Experience*", *American Historical Review* 84/85 (Dezembro 1979), p. 1488.
20. "7EP Interviews Sterling M. McMurrin", *Seventh East Press*, Provo, Utah, 11 de janeiro de 1983, p. 5.
21. Judith Ann Remington, "Mesoamerican Archaeoastronomy: Parallax, Perspective, and Focus", Ray A. Williamson, editor, *Archaeoastronomy in the Americas*, Ballena Press Anthropological Papers, n.º 22 (Los Altos, Calif.: Ballena Press, 1981), pp. 200/02.
22. *Ibid.*, p. 202.
23. *An Ancient American Setting for the Book of Mormon* constitui o início da apresentação. Veja a nota 13.
24. B. H. Roberts, *New Witnesses for God*. II. The Book of Mormon. Em três volumes, vol. III. Salt Lake City: Deseret News, 1951 (1909), pp. 503/04.



Assim como o dinheiro falso enfraquece a moeda genuína e torna todo o dinheiro suspeito, mentiras e informações incorretas tornam suspeitas todas as informações.

GUARDAR SIGILO

Larry Hiller

Algum tempo atrás, coordenei um grande programa de levantamento de fundos para nossa ala. Quando tudo estava terminado, aqueles que tanto haviam trabalhado comigo para que tudo fosse um sucesso, suspiraram e descansaram. Mas, ainda me restava uma grande preocupação: Prestar contas de todos os fundos. Algumas pessoas precisavam ser reembolsadas de suas despesas, e eu tinha que providenciar recibos ou faturas precisas do dinheiro gasto. Para minha própria tranqüilidade, tinha que ter certeza de que jamais restaria alguma dúvida quanto à minha honestidade com os fundos da Igreja. Sabia que o bispo confiava em mim mas, ainda assim, queria certificar-me de que nunca poderia haver uma dúvida.

Alguma coisa mais aconteceu recentemente e me fez pensar ainda mais no conceito de manipular as coisas alheias com integridade. Um amigo

procurou-me para discutir comigo, confidencialmente, um problema pessoal. Mais que de um conselho, ele precisava de alguém que o ouvisse. Ele ficaria em dificuldade, se as coisas que eu soube chegassem ao conhecimento de outras pessoas, e ele contava que eu não trairia sua confiança.

Poucos tratam a propriedade alheia palpável com descaso deliberado. A despeito de muitas histórias nos jornais sobre roubos, muitas pessoas ainda são fundamentalmente honestas quando se trata de respeitar a propriedade. Mas, e as coisas menos tangíveis, como informações? Nossa integridade chega até lá? Com o passar dos anos, aprendi o valor de guardar segredos, tanto na Igreja como na sociedade em geral.

De muitas maneiras, a informação é como moeda corrente. No governo e nos negócios, o informe fidedigno é um artigo comprado, vendido e comercializado. Pessoas que sejam

fontes de informações valiosas são procuradas respeitosamente pelos outros que querem aquela informação para seus próprios propósitos. A informação bem guardada pode ser um meio tão importante de obter poder quanto a riqueza. Assim como o dinheiro, a informação é usada para fins bons ou maus. As tentações e armadilhas são muito semelhantes. De fato, podemos fazer algumas comparações interessantes entre as maneiras como as pessoas fazem mau uso da informação e do dinheiro.

O "gastador"

Muitas pessoas gostam de sentir-se e parecer importantes gastando dinheiro liberalmente — às vezes contraindo dívidas para esse fim. De modo semelhante, muitos de nós gostamos do sentimento de importância que surge quando contamos a outros alguma coisa que não sabiam. Como com o dinheiro, as pessoas podem não saber que temos informações, a menos que as "gastemos", e a tentação de gastar pode ser muito grande. Muitos de nós tivemos a experiência de estar num grupo em que alguém transmite uma informação interessante a respeito de uma pessoa ou de um acontecimento futuro. No transcorrer da conversa, todos procuram contribuir com alguma coisa que os outros não sabiam. Torna-se uma questão de auto-afirmação.

Em tais ocasiões, alguns caem na tentação de "gastar" informações que não têm (especulação, rumor, mexerico) ou, pior ainda, de passar adiante informação que não lhes pertence, traindo confidências. Outras pessoas admitem condescendentemente que possuem informações confidenciais a respeito do assunto, mas não têm liberdade para falar sobre elas. (Esta admissão é freqüentemente seguida por "mas posso contar-lhe alguma coisa ...")

O "falsificador"

Quando não consegue informações legítimas, simplesmente as forja. É lógico que, para passar como coisa genuína, precisa ser plausível, e assim,

muitas vezes o informe contém muitos elementos da verdade. Ainda assim, o produto final é uma mentira.

Assim como o dinheiro falso enfraquece a moeda genuína e torna todo o dinheiro suspeito, mentiras e informações incorretas tornam suspeitas todas as informações. Elas dificultam a comunicação significativa, porque sua presença na sociedade faz com que muita informação autêntica seja recebida com dúvidas. Certamente, ao considerar o falsificador e seu papel, basta lembrar apenas quem tem o título de "pai de todas as mentiras". (Veja Moisés 4:4.)

O "ladrão"

Certas pessoas têm um interesse excessivo pela vida e pelos atos dos outros. Observam as outras pessoas obsessivamente. Fazem perguntas curiosas. Combinando simplesmente suas observações, chegam a conclusões que podem ser verdadeiras ou não. Freqüentemente estão erradas. Mas não importa. Assim que dispõem de algo que consideram de valor, ficam ansiosas por gastar aquilo que não lhes pertence legitimamente.

Mesmo aqueles que não são intrometidos, podem ser tentados quando descobrem alguma coisa acidentalmente, talvez pela observação ou ouvindo por acaso. Essa informação é como dinheiro achado. Uma pessoa honesta que acha a bolsa ou carteira de alguém, não gasta seu conteúdo. Faz todos os esforços para devolvê-la a seu proprietário. E, embora não possamos devolver a informação "encontrada", podemos com certeza protegê-la.

O "confidente"

Essa pessoa estimula a amizade e a confiança, enquanto sutilmente se intromete nos assuntos particulares dos outros. Ela procura informações diligentemente, fornecendo com freqüência algumas informações em troca, para forjar uma atmosfera de confiabilidade. Depois essa pessoa segue seu caminho, ansiosa por gastar a nova moeda.

O "perdulário"

Há aqueles que não conseguem deixar dinheiro no banco ou nem mesmo na carteira. Se o têm, sentem necessidade de gastá-lo. É um impulso comum nas crianças que começam a conhecer o poder do dinheiro e o prazer de comprar. Num adulto, isso pode ser desastroso, levando a um baixo índice de crédito e até mesmo à falência.

Muitos de nós já encontramos perdulários de informações. Essas pessoas são embaraçosamente francas a respeito de sua própria vida. Espalham informações a respeito de si mesmas com ar de grande familiaridade, capaz de tentar seu confidente do momento a retribuir na mesma moeda. O problema é que tais pessoas têm tão pouco cuidado com as informações a respeito dos outros quanto com as suas. Confiar nessa pessoa dando-lhe informações sigilosas é como confiar o dinheiro do aluguel a um jogador inveterado.

O "especulador"

No mundo financeiro, o especulador investe em alguma coisa na esperança ou expectativa de recuperar seu investimento com lucros. Observa os negócios e as tendências, e tenta prever a situação futura do mercado e das instituições.

Os especuladores de informações fazem basicamente o mesmo. Observam atentamente as pessoas e organizações. Uma Igreja em expansão, dinâmica, na qual nos acostumamos a mudanças relativamente freqüentes nas organizações e nos programas, é um campo fértil para tais pessoas. Elas gostam de especular a respeito dos chamados em todos os níveis. Por exemplo, notando que a atual presidente da Sociedade de Socorro está grávida e que é provável que seja logo desobrigada, ao mesmo tempo que a Irmã Joana foi recentemente desobrigada da junta da Sociedade de Socorro da estaca e está servindo em um cargo "menor", depois de servir na presidência das Moças e da Primária em várias ocasiões; as irmãs da ala gostam dela, não tem crianças pequenas em

ELDER R. ENZIO BUSCHER AOS CONFINES DA TERRA



Informações particulares a respeito da vida de outra pessoa não são nossas para usarmos como bem nos aprouver, não importa de que maneira as obtivemos.

casa, seu marido a apóia etc.; obviamente ela é a melhor escolha. E os especuladores não apenas dão a notícia antecipada de seu chamado, como até já escolheram suas conselheiras, duas mulheres com as quais ela tem uma amizade especial.

Se a Irmã Joana realmente for chamada como presidente da Sociedade de Socorro, os especuladores acenam astutamente uns para os outros. Se uma de suas candidatas é chamada como conselheira, acenam novamente. E se deixam de acertar a outra, bem, basta simplesmente achar uma razão: elas se desentenderam e não são mais tão amigas, problemas no lar, um desentendimento com o bispo etc.

Tais especulações sempre deixam a inspiração de lado no processo. São baseadas em fatos e relacionamentos e influências pessoais. Quem ganha o crédito, se a “escolha óbvia” é confirmada? Não é o Senhor. Nem o digno líder do sacerdócio que buscou e recebeu a confirmação do Espírito. Por dedução, a política e a razão obtêm o crédito.

Às vezes, o assunto da especulação é a mágoa. Conheço pelo menos um caso em que as pessoas não apenas especularam abertamente que um homem seria chamado como bispo, mas

também fizeram com que soubesse que era o “candidato” deles. Ele não sentia que seria chamado, e todo aquele falatório deixou-o constrangido, assim como as perguntas e palavras de “consolo” depois que o novo bispo foi apoiado.

A especulação pode enfraquecer a fé e deteriorar o testemunho. O que aprendem as crianças que ouvem essas especulações dos pais? E quanto aos membros inativos ou pesquisadores que ouvem membros ativos — que deveriam ser seu exemplo — entregando-se a essas meras hipóteses?

O “peculatório”

Ocasionalmente um empregado ou funcionário de uma firma se apossa de dinheiro que lhe foi confiado, chegando, às vezes, a causar a falência da empresa. Algo semelhante pode acontecer quando aqueles a quem se confia uma informação confidencial fazem um mau uso desse privilégio.

Informações particulares a respeito da vida de outra pessoa não são nossas, para usarmos como bem nos aprouver, não importa de que maneira as obtivemos. Se a pessoa confiou em nós, aquela informação é como dinheiro do qual somos depositários. Simplesmente

por estar em nossa posse não significa que possamos usá-lo.

Muitas sociedades têm leis para proteger as pessoas contra o mau uso de informações confidenciais por advogados, médicos, religiosos e outros semelhantes. De modo geral, entretanto, precisamos confiar na integridade de amigos e companheiros, para que mantenham sigilo das coisas particulares de nossa vida que não desejamos que se tornem públicas.

Os membros da família, em especial os cônjuges, são, provavelmente, os que mais necessitam de confiabilidade. E devem poder ter confiança plena uns nos outros. Apesar disso, existe quem viola essa confiança. Lembro-me ainda de dois homens com os quais trabalhei, aproximadamente dezoito anos atrás. Ao saberem que estava noivo e prestes a me casar, passaram a me contar coisas extremamente pessoais sobre suas esposas. Eu não queria ouvir aquilo, e me afastei da presença deles tão rapidamente quanto pude. Gostaria de ter tido a maturidade suficiente para dizer-lhes gentilmente que não queria ouvir aquelas coisas e que suas esposas ficariam igualmente horrorizadas com tal traição. Mas, mesmo naquela época, tive suficiente maturidade para ver o enorme erro que aqueles homens estavam cometendo, e para prometer que jamais trairia minha mulher dessa maneira.

A Igreja e todos nós temos que nos guardar da tentação de nos transformarmos em peculatórios de informações. Aqueles que possuem informações privilegiadas a respeito de mudanças ou chamados propostos, ou que têm informações delicadas a respeito da vida de outras pessoas, devem precaver-se particularmente da tentação de revelar indevidamente o que sabem. Esse cuidado não se limita aos bispos ou outros líderes do sacerdócio, mas se estende aos líderes das auxiliares, mestres familiares e professoras visitantes, e, na verdade, a todos.

A fidedignidade é um traço desejável de caráter que pode ser passado às gerações subsequentes pelo exemplo e também por preceito. Richard P. Lindsay, que agora dirige o

*Desculpar o mexerico,
dizendo que é do
conhecimento geral, é o
mesmo que justificar o
pecado, porque “os outros
fazem o mesmo”.*

Departamento de Relações Públicas da Igreja, é um dos homens mais fidedignos que conheço. Pode-se contar inteiramente com ele para guardar uma confidência. Ele conta um incidente que lhe ensinou uma lição valiosa, quando ainda era bem jovem.

Recém-casados, os Lindsay estavam de partida para a Califórnia, quando ouviram o anúncio de que sua ala seria dividida pela primeira vez em seus setenta e cinco anos de existência. O pai do Irmão Lindsay, já falecido, fora o bispo da ala por muitos anos, e o jovem marido sentiu-se particularmente interessado no que estava por acontecer. Mas o casal estaria fora da cidade e não poderia saber dos detalhes durante algum tempo.

O sogro do Irmão Lindsay estava servindo no sumo conselho na época; assim, pouco antes do momento em que deveriam partir, o Irmão Lindsay aproximou-se dele e perguntou se não lhe poderia cochichar o nome do novo bispo. Afinal, eles não contariam a mais ninguém.

O sumo conselheiro chamou seu genro de lado e perguntou, num sussurro confidencial: “Você guardará segredo?”

“Certamente,” respondeu o moço.

“Pois eu também.” Fim da conversa. Mas não o fim da lição aprendida.

Em um discurso para os funcionários da Igreja, em 1980, o Élder Boyd K. Packer falou com admiração a respeito do Élder Joseph Andersen, “que, por aproximadamente cinquenta anos era secretário da Primeira Presidência. Sentava-se com eles diariamente, ouvia suas deliberações e fazia atas de tudo. Cinquenta anos sem uma única quebra de sigilo. O Presidente David O. McKay disse certa vez a respeito de Joseph Andersen: ‘Este homem sabe ficar em silêncio em mais línguas do que qualquer outro que conheço.’” (Film Lecture Series, 18 de janeiro de 1980.)

O mercado

Exatamente como há mercados onde o dinheiro é comercializado, há mercados para informações. E a informação mal usada é quase sempre comercializada no mercado chamado —

ousarei dizê-lo? — MEXERICO. Eis aí. Está dito.

Obviamente, nenhuma discussão a respeito de confidências está completa, se não tratarmos do tópico mexerico. Infelizmente, a palavra “mexerico” é muito semelhante à palavra “arrepentimento”. Aqueles que mais precisam ouvir, refugiam-se imediatamente atrás do muro da racionalização.

Este é um dos maiores problemas com o mexerico: É muito facilmente racionalizado. Quando outros o fazem, é mexerico. Quando eu o faço, estou tratando simplesmente de outra pessoa numa conversa amigável. Roubo é roubo; adultério é adultério; o nome se prende ao ato. Mas o mexerico geralmente passa incógnito.

Muitas pessoas parecem pensar que é mexerico somente se for um rumor sem fundamento. Mas uma coisa pode ser absolutamente verdadeira e ainda assim não ser da conta de ninguém. A veracidade não justifica o mexerico, exatamente como a necessidade não justifica o roubo. E desculpar o mexerico, dizendo que é do conhecimento geral, é o mesmo que justificar o pecado, porque “os outros fazem o mesmo”.

Às vezes, o mexerico vem disfarçado de preocupação amigável. As pessoas repetem detalhes negativos de natureza íntima, debatendo, horrorizadas, os problemas e fraquezas de uma terceira pessoa. E durante todo o tempo se justificam, porque estão simplesmente repetindo a triste verdade. Isto me fez lembrar um livro em que uma das personagens, mexeriqueira comprovada, era descrita como “radiante de tristeza”, sempre que vinha a saber dos problemas de outra pessoa.

O maior problema com o mexerico — mesmo com o mexerico “verídico” — é que geralmente se relatam apenas palavras e ações. Os motivos, as circunstâncias atenuantes, o posterior arrependimento ou correção, freqüentemente deixam de ser mencionados. Quando os motivos são incluídos no relato, geralmente são suposições. E normalmente o homem atribui a outras pessoas motivos que

justificarão nossos sentimentos em relação a elas. Se o mexeriqueiro simpatiza com o protagonista, os motivos atribuídos são puros. Se não há simpatia, os supostos motivos são torpes.

É lógico que devemos mostrar preocupação uns para com os outros. E realmente *há* lugar para troca de informações. Mas devemos ser cuidadosos; devemos examinar nossos motivos e pensar cuidadosamente antes de falar. Uma vez que alguma coisa é divulgada, não se pode voltar atrás. E quando a informação é usada indevidamente, pode causar grave dano a indivíduos e instituições. Tanta contenda e descontentamento podem ser evitados, quando aprendemos a guardar confidências. “Sem lenha, o fogo se apagará; e, não havendo maldizente, cessará a contenda.” (Provérbios 26:20.)

O que fazemos com as informações revela tão bem nossa maturidade e integridade como nossa maneira de lidar com dinheiro. Freqüentemente, nosso valor no serviço do Senhor depende de nossa confiabilidade, não apenas quanto ao desejo de trabalhar, mas também à nossa capacidade de guardar sigilo. A pessoa a quem podemos confiar tranqüilamente informações, é tão respeitada quanto aquela a quem podemos confiar valores materiais.

Usando nosso discernimento naquilo que falamos, podemos fortalecer nossos laços de confiança. Quando somos prudentes ao falar, damos menos oportunidades ao adversário de causar divisões entre nós e menos chances para nossos inimigos trabalharem contra nós.

O dom da fala, a capacidade de comunicação são parte de nossa herança divina, e se os usamos mal, é apenas em nosso detrimento.

“... de toda a palavra ociosa que os homens disseram, não de dar conta no dia do juízo. Porque por tuas palavras serás justificado e por tuas palavras serás condenado.” (Mateus 12:36-37.) □

Larry Hiller, editor gerente do Church International Magazines, é um ex-bispo, servindo agora como sumo conselheiro na Estaca Taylorsville Utah Central.

ÉLDER F. ENZIO BUSCHE: AOS CONFINS DA TERRA

Jan U. Pinborough



A primeira infância do Élder F. Enzo Busche, do Primeiro Quorum dos Setenta, poderia ser descrita como idílica. Nascido de pais amorosos em Dortmund, Alemanha Ocidental, cresceu com suas quatro irmãs numa bela e espaçosa casa de pedras que seu pai projetou e construiu. O pai, cuidadoso e protetor, criou um ambiente quase perfeito para a família, completado com alguns animais e terras suficientes para as crianças gozarem muitas horas felizes ao ar livre. Os livros de Hans Christian Andersen e dos Irmãos Grimm eram os seus preferidos, e seus contos de fadas e histórias folclóricas lhes proporcionavam o cenário imaginário para todas as suas brincadeiras.

Então, em 1939 — quando Enzo tinha apenas nove anos — a primeira bomba inglesa caiu em Dortmund. A

guerra devastadora que se seguiu destruiu seu mundo de paz e seus sonhos juvenis. A família refugiou-se por algum tempo na Alemanha Oriental, depois foi para o sul da Alemanha, onde moraram em dois cômodos.

Aos dez anos, Enzo tornou-se membro da organização da Juventude de Hitler, à qual deviam filiar-se todos os jovens entre dez e dezoito anos. Depois, nos últimos meses desesperados da guerra, todos os rapazes da Juventude de Hitler de catorze anos para cima foram convocados para o exército do Terceiro Reich. Inesperadamente, o garoto Enzo, de catorze anos, era um soldado. Depois de umas poucas semanas apenas de pânico e desastre num exército desesperado, ele foi capturado e levado para um campo americano de

Élder Busche, membro do Primeiro Quorum dos Setenta desde 1977, presentemente serve na presidência da área Noroeste dos Estados Unidos. (Foto menor) O menino Enzo de 8 anos de idade na casa de sua família em Dortmund, Alemanha.

prisioneiros, onde esperava ser morto lá. Para sua surpresa, no entanto, não lhe fizeram nenhum mal e por fim lhe foi permitido voltar para casa.

Enzio chegou a Dortmund em junho de 1945, e encontrou um abrigo primitivo nas ruínas de sua casa, destruída pelas bombas americanas. Para a felicidade da família Busche, eles tinham ovelhas que lhes forneciam leite, e um pedaço de terra onde eles e outras famílias podiam cultivar batatas. Ironicamente, um ato de guerra ajudou o povo daquele subúrbio de Dortmund a sobreviver nos meses seguintes de quase inanição. Pouco antes do fim da guerra, os americanos haviam baleado um trem alemão cheio de suprimentos. Quando começou a vasar melaço dos vagões crivados de balas, os habitantes da cidade encheram todos os potes e tonéis disponíveis com o material viscoso e nutritivo, que ajudou a sustentá-los por dois anos.

Por volta de 1946, as escolas de Dortmund tinham sido reabertas. Mas os anos de estudo de Enzo que se seguiram foram um período de sincero questionamento e profunda confusão para ele. Antes da guerra, seus professores haviam elogiado as doutrinas de Hitler, considerando-as a cura para os males da Alemanha; agora, negavam tê-las ensinado. O que significava isso? Os adultos não sabiam distinguir o certo do errado? À medida que se aprofundava seu desencanto, foi ficando desdenhoso e amargo, e sentia a melancolia de alguém que procura alguma coisa.

Depois de completar os estudos universitários em Bonn e Freiburg, começou a trabalhar na pequena gráfica do pai, agora recobrando-se da guerra. Enzo aprendeu alguns dos aspectos mais técnicos da impressão, obtendo a licença de artífice que era exigida.

Ele ainda se questionava a respeito do



Enzio, com 15 anos, após ser libertado de um campo de prisioneiros ao término da Segunda Guerra Mundial.

verdadeiro significado da vida. Considerando o cristianismo pela perspectiva histórica, não o achava muito atraente. Mas seu estudo de filosofia e religiões orientais também não conseguira dar-lhe uma resposta. Como poderia casar-se, perguntava-se, e trazer filhos a um mundo tão cruel e imprevisível? Continuou procurando algum valor ou significado que pudesse exigir sua fidelidade.

Enzio tinha uma afeição duradoura pela bela Jutta Baum, que ele encontrara pela primeira vez quando tinha apenas sete anos. Acabara de montar uma elaborada catedral de blocos de montar, quando Jutta — a filha de dois anos de amigos da família — entrou na sala e destruiu sua obra-prima com um único golpe. Enzio rapidamente assegurou-lhe que não tinha importância.

Enzio e Jutta casaram-se em 1955, quando ele tinha vinte e cinco e ela vinte anos. Mas o casamento não resolveu o dilema existencial de Enzio. Na verdade, aprofundou sua frustração, pois o casamento não era de maneira nenhuma o que ele esperava que viesse a ser. Em seus primeiros anos de união, não tinham praticamente objetivos comuns. Viviam à deriva, freqüentemente sentindo-se isolados um do outro por conflitos e diferenças.

É extraordinário que esse jovem outrora amargo e infeliz, sempre em busca de algo, seja agora um servo fiel do Senhor, inteira e humildemente devotado a seguir os influxos do Espírito em sua vida.

Muitos sinais da história do Élder F. Enzio Busche estão pendurados no escritório do Edifício da Administração

da Igreja. Um é uma fotografia de um homem com um sorriso gentil — seu pai, falecido em 1964, mas cujo exemplo de honestidade e retidão ainda o inspira. Outra fotografia mostra sua querida residência de infância em Dortmund, restaurada depois da guerra e que ainda é a casa da mãe do Élder Busche. Mas a história de sua conversão ao Evangelho de Jesus Cristo é algo que somente o próprio Élder Busche pode contar.

Descrevendo a experiência que deu início à sua transformação, ele fala suavemente, com um misto de reverência e certeza: “Fui colocado diante da morte”, explica ele. De fato, estava tão doente, com um mal no fígado, que os médicos haviam desligado todos os aparelhos de manutenção da vida e sua família mal podia suportar visitá-lo e vê-lo sofrer tanto.

No dia em que todos esperavam que fosse morrer, ele estava sozinho, com muita dor, próximo ao outro mundo. Inesperadamente, passou por experiências que agora chama de “manifestações espirituais”. Viu-se como se estivesse fora do próprio corpo: Um homem em seus pecados — cínico, inconsciente, ingrato e descompromissado. Sentiu-se impuro e despreparado para entrar no mundo vindouro. “Fiquei dolorosamente consciente de que não podia entrar no mundo vindouro sem alguém que falasse por mim, me ajudasse e me purificasse. Senti a necessidade de um Redentor.”

Lutou contra esse sentimento por vários dias, sentindo um fervoroso desejo de começar de novo, de ser puro, de ter uma oportunidade de viver de modo diferente. Então, teve uma experiência sagrada que acha impossível descrever adequadamente com palavras. Uma voz de inconfundível autoridade dirigiu-se a ele: “Se conseguir orar agora, restabelecer-se-á.” Enzio Busche percebeu, chocado, que era uma voz do mundo real, cujo poder e autoridade excediam a todas as suas experiências mortais. Sentiu que lhe estavam pedindo mais do que simplesmente recitar o Pai Nosso, a única forma de oração que conhecia. Com sóbria sinceridade, conseguiu pronunciar três palavras: *Dein Wille geschehe*. (“Seja feita a tua vontade.”) Num piscar de olhos, seus sentimentos sombrios e temerosos foram substituídos por um repentino assomo de alegria e paz. “Sei agora que estava experimentando o que Alma, o Filho, descreveu quando seus pecados foram perdoados”, explica ele. Também teve a certeza de que se recuperaria totalmente.

Deitado na cama de hospital, Enzio Busche fez três promessas que

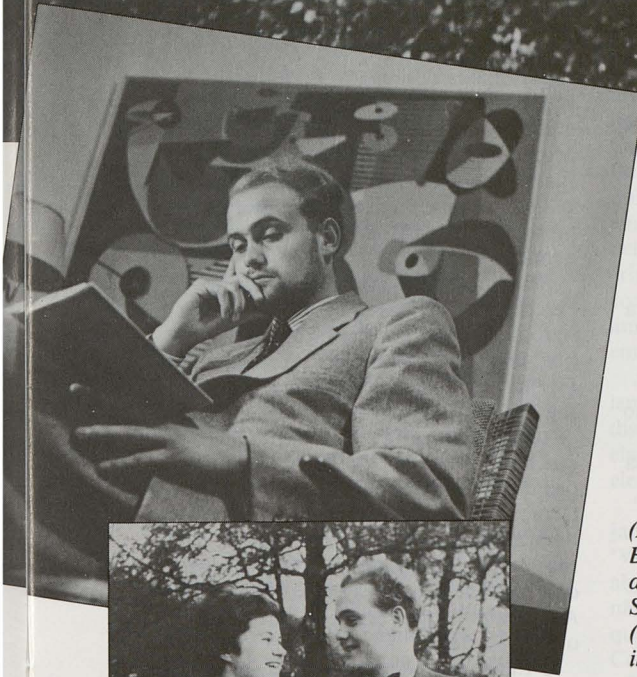
motivaram seus atos desde aí. Primeiro, prometeu viver de maneira diferente do que jamais o fizera, viver num estado de constante consciência do poder do outro mundo real. Segundo, comprometeu-se a nunca negar a experiência e sempre testificar do poder que sentira. Terceiro, prometeu a si mesmo ir aos confins da terra, se necessário, para descobrir a fonte desse poder e tornar-se um discípulo dele.

“Adquiri consciência de uma realidade além de minha vida diária. Essa consciência tornou-se mais dolorosa e mais real do que qualquer coisa que jamais sentira antes. Aprendi então, e nunca esqueci, que as filosofias deste mundo e as religiões que havia encontrado até então tinham uma deficiência: Nenhuma delas ensinava que o homem tem que ser puro e íntegro até as profundezas de sua alma para poder entrar em seu descanso. Fiquei dolorosamente consciente de que, para nos tornarmos verdadeiramente puros, precisamos defrontar-nos com o poder do Deus Todo-Poderoso, que nos ensina a assumir responsabilidade por toda palavra que proferimos e por todas as desculpas procrastinadoras, por toda nossa frivolidade, preconceito e indolência. Aprendemos que devemos mudar e nos arrepender por toda vida, e que nossa única e grande esperança de ajuda para nos tornarmos puros ainda está no Redentor, nosso Advogado, nosso Salvador.”

A procura do Élder Busche pela fonte desse poder começou no hospital católico, onde permaneceu em convalescença por cinco meses. Ele observava o crucifixo na parede de seu quarto de hospital. Em cumprimento de sua promessa de encontrar o autor de sua experiência, leu a Bíblia desde a primeira página de Gênesis até a última página do Apocalipse, parando apenas para comer e dormir. Isto lhe trouxe uma profunda convicção da veracidade da Bíblia e um testemunho do Senhor Jesus Cristo.

Observava igualmente a freira que era a enfermeira-chefe de sua ala no hospital. “Ela era provavelmente a pessoa mais justa que já havia encontrado”, lembra-se ele. “Fazia o trabalho mais sujo e mais difícil com uma música nos olhos — dezesseis horas por dia, sete dias por semana. Era tão amável e tão alegre, que parecia impossível não ficar curado em sua presença.”

Um dia perguntou-lhe se a igreja católica era a igreja de Jesus Cristo. “Ela pareceu lutar consigo mesma por um longo tempo”, lembra-se ele. “Finalmente, respondeu com uma voz mansa, digna: ‘Não. Você está procurando a igreja do Cristo vivo, não a igreja de tradições mortas.’”



(Acima) A casa da família de Élder Busche, reconstruída após sua destruição durante bombardeios da Segunda Guerra Mundial.

(Centro) Enzo Busche em 1954, ao início de sua bem sucedida carreira de negócios na Busche Printing Company.

(Abaixo) Foto oficial do noivado de Enzo Busche e Jutta Baum, 1954.

Depois de ter alta do hospital, Enzo procurou imediatamente seu ministro luterano, contou sua conversão e declarou-lhe o desejo de seguir a Cristo. Mas, depois de uma temporada em que

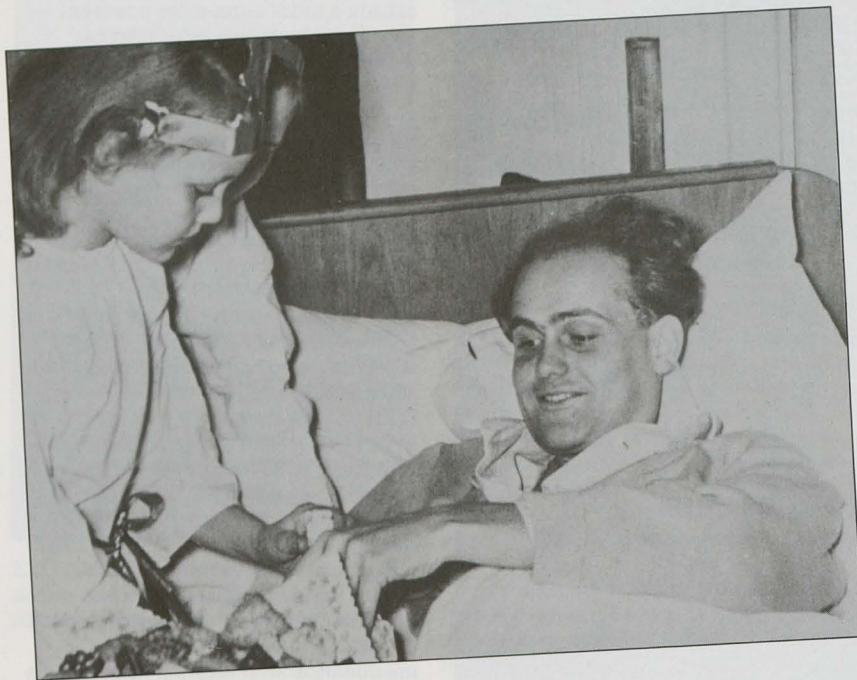
assistiu a todas as reuniões possíveis, — encontrando alguma satisfação na dignidade e cerimônia dos serviços — Enzo sentiu-se perturbado pelas doutrinas e práticas que não conseguia entender. Por que, por exemplo, as crianças tinham que ser batizadas? E por que os ministros haviam abençoado as armas de guerra? Os ministros e presbíteros da igreja não conseguiam dar-lhe uma doutrina perfeita — apenas opiniões conflitantes.

Certa noite, Enzo e Jutta ajoelharam-se em desespero, expondo sua situação ao Senhor. A essa altura, Enzo sabia formular suas próprias orações. “Eu disse ao Senhor que queríamos achar a sua igreja”, relembra o Élder Busche. “Sabia que os primeiros seguidores de Cristo haviam sido perseguidos; assim, disse ao Senhor que não importava que sua igreja fosse obscura, até mesmo ridicularizada.” Depois dessa oração, voltou a paz profunda que Enzo sentira no hospital.

Várias semanas depois, dois missionários SUD estavam na soleira da porta dos Busche. A princípio, Enzo sentiu-se cético a respeito de sua “estranha” mensagem, mas ficou bastante impressionado com sua sinceridade e retidão. Seus dois anos de pesquisa foram acompanhados por sonhos e experiências espirituais que tinham a mesma característica e autoridade sagrada que sentira no hospital. Finalmente, teve que admitir que o Espírito realmente estava presente na mensagem de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, embora ainda receasse romper com sua vida social e com as tradições da família.

Quando, finalmente, estava pronto para o batismo, pediu à esposa que pesquisasse o evangelho. Jutta Busche sentira há muito o Espírito na mensagem dos missionários, embora não se tivesse envolvido nas discussões por vezes longas. Depois de apenas três noites de ensino sobre os princípios do evangelho — para surpresa de seu marido — ela também tinha um testemunho. Ambos foram batizados no dia 19 de janeiro de 1958, numa piscina pública em Dortmund.

Seu primeiro pequeno ramo, que se reunia num velho edifício escolar na área mais suja de Dortmund, era formado na maior parte por pessoas mais velhas, cujos filhos haviam ido para a América. “O Senhor não era nenhum estranho à pobreza e condições humildes” diz o Élder Busche, “assim, senti-me em boa companhia.” Seu primeiro chamado foi como secretário do ramo. Mais tarde serviu como presidente do quorum de élderes e professor na antiga A.M.M. e também na Escola Dominical.



Crianças da paróquia local visitaram Enzo Busche no Natal de 1955, enquanto ele se achava internado em um hospital, recuperando-se de uma grave enfermidade.

Por essa época, Enzo Busche era um homem respeitado e influente em sua cidade e país. Em 1955, tornara-se co-proprietário com seu pai da Companhia Gráfica Busche, quando ainda era relativamente pequena. Na época em que se tornou executivo-chefe, em 1963, a companhia estava em vias de se tornar uma das maiores empresas de off-set e artes gráficas da Alemanha Ocidental, com bom número de subsidiárias e associadas.

O Irmão Busche havia sentido logo no início de sua vida empresarial que seria impossível administrar com êxito uma companhia num mercado tão competitivo, sem aproveitar a criatividade e participação de todas as pessoas da organização. Sua experiência de liderança na Igreja mostrara-lhe uma alternativa para o modelo autoritário da administração tradicional. Depois de muitas orações, instituiu uma forma de administração participante, uma mudança radical em relação ao estilo tradicional. Estabeleceu a regra de que todas as pessoas envolvidas deveriam entrar em acordo antes de se tomar qualquer decisão mais importante. A maturidade resultante de seus empregados ajudou sua empresa em tempos difíceis e instáveis a tornar-se uma das mais dinâmicas e bem sucedidas do ramo.

Seja como presidente do quorum de élderes ou do ramo, como em qualquer outro de seus muitos chamados, Enzo Busche sentiu-se sempre grato por lhe ser permitido servir ao Senhor. “Quando estamos convertidos, fazemos o trabalho do Senhor com grande

alegria no coração, em vez de vê-lo como um fardo”, explica. “Se fazemos o trabalho de mestres familiares sem alegria, sem gratidão por nos ser permitido fazer alguma coisa para a edificação do reino do Senhor, seria bom nos arrependermos. Ter a permissão de servir é um privilégio.”

O Presidente Stephen C. Richards, a quem o Irmão Busche serviu como conselheiro na Missão Alemanha Central, lembra-se de que seu conselheiro ajudou a adquirir o terreno para a capela de Dortmund, numa época em que a comunidade se opunha a que a Igreja comprasse terrenos. Enzo Busche também ajudou um número incontável de membros da Igreja a adquirirem seus próprios testemunhos. A casa dos Busche, freqüente local de reuniões, estava sempre aberta aos missionários, e os Busche apoiaram muitos jovens em missão. “Há um homem que o Senhor ama”, diz o Presidente Richards, carinhosamente. “Ele faz qualquer coisa que o Senhor pedir, sem jamais questionar.”

A promessa original do Élder Busche, de ir aos confins da terra em busca da verdade, foi posta à prova em 1977, quando o Presidente Kimball viajava pela Polônia e Alemanha Oriental. Então representante regional do Quorum dos Doze, o Irmão Busche serviu como intérprete ao Presidente Kimball numa reunião em Berlim, reunindo-se depois com líderes da Igreja para um lanche na sala da Sociedade de Socorro. D. Arthur Haycock, secretário pessoal do presidente, pediu ao Irmão

Busche que ocupasse uma cadeira vazia junto ao Presidente Kimball. Como um alemão bem-educado nunca procura a companhia de um dignitário, a menos que seja por ele convidado, o Irmão Busche ignorou a sugestão. Quando o Irmão Busche recusou pela segunda vez, o Irmão Haycock pediu-lhe incisivamente que fizesse a gentileza de ocupar a cadeira vazia. Depois da troca de cumprimentos, o Presidente Kimball convidou o Irmão Busche para reunir-se com ele em outra sala, onde lhe apresentou o chamado de servir como membro do Primeiro Quorum dos Setenta.

A primeira designação do Élder Busche como autoridade geral foi servir como presidente da Missão Alemanha Munique. Depois, em 1980, ele e sua família (com exceção de Markus, o mais velho, que estava prestes a se casar e moraria na Alemanha) foram chamados a mudar-se para Utah.

Relembrando tudo, o Élder Busche percebe que lhe foi requerido que fizesse tudo o que disse ao Senhor que faria, quando deitado numa cama de hospital. Foi-lhe pedido que deixasse sua família, sua língua, a cultura herdada e empresa — tudo o que havia construído, tudo o que lhe era familiar. Ele sorri. “Foi-me pedido até que fosse aos confins da terra, se considerarmos o norte do Alasca os confins da terra.” Uma de suas designações atuais é ser conselheiro da Presidência de Área do Noroeste da América do Norte, área essa que inclui o Pólo Norte.

O Élder Busche explica como venceu o medo das designações desafiadoras que aceitou no decorrer dos anos na Igreja. “O poder maior do adversário é nos deixar com medo, dizer-nos que aquilo que o Senhor requer será incômodo demais, impossível de se fazer. Mas, à medida que obedecemos, o Senhor nos encherá de amor e alegria inexprimível. Até nos submetemos ao Senhor, podemos ter apenas frustração e dor. Quando realmente nos submetemos à sua vontade, sentimo-nos cheios de paz e dignidade em todas as circunstâncias, não importa quão desafiadoras sejam. Isto, para mim, é a maior vitória que alcançamos.”

Aqueles que o conhecem melhor — sua esposa e quatro filhos —



O Élder e a Irmã Busche, sentados, com alguns membros de sua família. Da esquerda para a direita: o filho Daniel, a nora Patrícia Clay Busche, o filho Matthias, a filha Maja Busche Wensel e seu marido Paul Wensel segurando o filho do casal, Philip Arthur Wensel.

concordam em que uma das maiores conquistas de Enzo Busche é sua sensibilidade como marido e pai. “O que os missionários nos trouxeram”, diz a Irmã Busche, “modificou completamente nossa vida. Foi realmente uma bênção para nós, para nosso casamento e para nossa família.”

A Irmã Busche diz que seu marido tem uma capacidade incomum de responder às pessoas, especialmente a seus filhos. “A coisa mais importante é que ele tem estima pelas pessoas — que sabe amá-las, entendê-las e ajudá-las.” Ela menciona uma ocasião em que um filho enfrentou a difícil opção entre casamento ou missão. Os Busche estavam na casa da missão em Munique naquela época, e seu filho e sua namorada vieram visitá-los. O Élder Busche disse ao filho: “Nós amamos você, e você é totalmente livre. Se achar que deve casar-se, ainda o amaremos. Mas, antes de decidir, vá para seu quarto e pergunte ao Pai Celestial.” O filho voltou do quarto com lágrimas nos olhos e com o comprometimento de fazer missão.

O Élder Busche explica que ele e sua esposa haviam visto que a maneira tradicional de educar os filhos na Alemanha causava um profundo abismo entre as gerações. “Não queríamos ter filhos que zombassem de seus pais, que obedecessem apenas porque os pais os alimentam. Não queríamos forçar nossos filhos a irem à Igreja, fazendo com que se rebelassem contra nós.”

O Élder Busche sente que foi o Espírito que os ensinou a encararem os

filhos, desde a mais tenra idade, como iguais. Mesmo quando as crianças tinham três ou quatro anos de idade, os Busche procuravam respeitar suas opiniões. “Ficamos surpresos e emocionados com o quanto aprendemos deles,” diz o Élder Busche. “Quando as crianças são criadas num ambiente sem coação, são tão puras e inocentes, tão amáveis e sensíveis, que chega a ser embaraçoso para os adultos.”

A filha Maja (Sra. Paul Wensel) lembra-se de que seu pai exercia disciplina argumentando sempre com ela, nunca ameaçando. Frequentemente ele dizia: “Jesus faria diferente.”

“Uma vez, quando quebrei uma janela, ele saiu e disse calmamente: ‘Você cometeu um erro, e precisa fazer alguma coisa para poder entender que não pode fazer isso.’ Então, perguntou que tipo de penalidade eu achava justa. Como resultado disso, nunca me senti rebelde.” De fato, os Busche descobriram que as crianças geralmente designavam para si mesmas penalidades mais severas do que seus pais teriam feito.

O filho mais novo, Daniel, que voltou de uma missão na Argentina no ano passado, descreve o pai como um professor amoroso. “Uma noite, depois de vencermos uma partida de beisebol, só voltei para casa às duas da madrugada. Quando entrei e vi Papai esperando por mim, realmente tive medo. Imaginei todo tipo de desculpas. Mas, em lugar de me acusar, ele disse: ‘Estou feliz por você estar em casa. Falarei com você amanhã.’ Eu sabia que tinha errado, mas também sabia

que ele estava preocupado comigo e queria ajudar-me.”

Os filhos sentiam uma atmosfera agradável no lar em parte por causa do amor dos pais à música clássica. A Irmã Busche vem de uma família de músicos e gosta de música de Bach e Rachmaninoff. Os Busche sempre sentiram que boa música cria um bom espírito em seu lar. Maja diz que isso ajudou a manter sua mente limpa e fez um claro contraste com os excessos do mundo.

Matthias (casado com Patricia Clay) lembra-se do pai como um grande mestre — sempre preparado com uma lição para as noites de reunião familiar — mas também como um grande companheiro. O Élder Busche é um homem ativo, cujos interesses incluem esqui, corrida, excursão a pé e navegação a vela. “Algumas experiências que tivemos velejando juntos no Mar Báltico — momentos críticos em que estávamos em perigo — realmente nos uniram bastante. Foram ocasiões que nunca esquecerei”, diz Matthias. Alguns de seus momentos inesquecíveis foram as ocasiões de descontração e alegria, mas também as conversas longas e sérias indo e voltando das reuniões da igreja.

Ele é um homem de família, de negócios e um líder da igreja. Mas a verdadeira vocação do Élder F. Enzo Busche foi a incansável busca da verdade. No Evangelho de Jesus Cristo, ele encontrou as respostas para suas perguntas existenciais, mas também o desafio de dedicar sua vida às promessas que fez. “Muitos membros da Igreja estão morrendo de fome espiritual. Temos que alimentar a parte espiritual de nosso ser, aprendendo a distinguir e buscar o Espírito em todos os assuntos de nossa vida diária. A vida não tem a finalidade de ser fácil, mas, quando estamos cheios do Espírito que o Pai Celestial nos dá, quando vivemos de acordo com nossos convênios, estaremos cheios de alegria, não importa o que aconteça. Teremos um casamento feliz, bom relacionamento entre pais e filhos, e a capacidade de viver em paz e dignidade.”

Para o Élder F. Enzo Busche, o fim de sua busca transformou-se num começo eterno. □

POR MINHA HONRA

Presidente Ezra Taft Benson
Presidente do Quorum dos Doze

Se há uma palavra que descreve o significado de caráter, é a palavra *honra*. Sem honra, a civilização não existiria por muito tempo. Sem honra, não haveria contratos seguros, nem casamentos duradouros, nem confiança, nem felicidade.

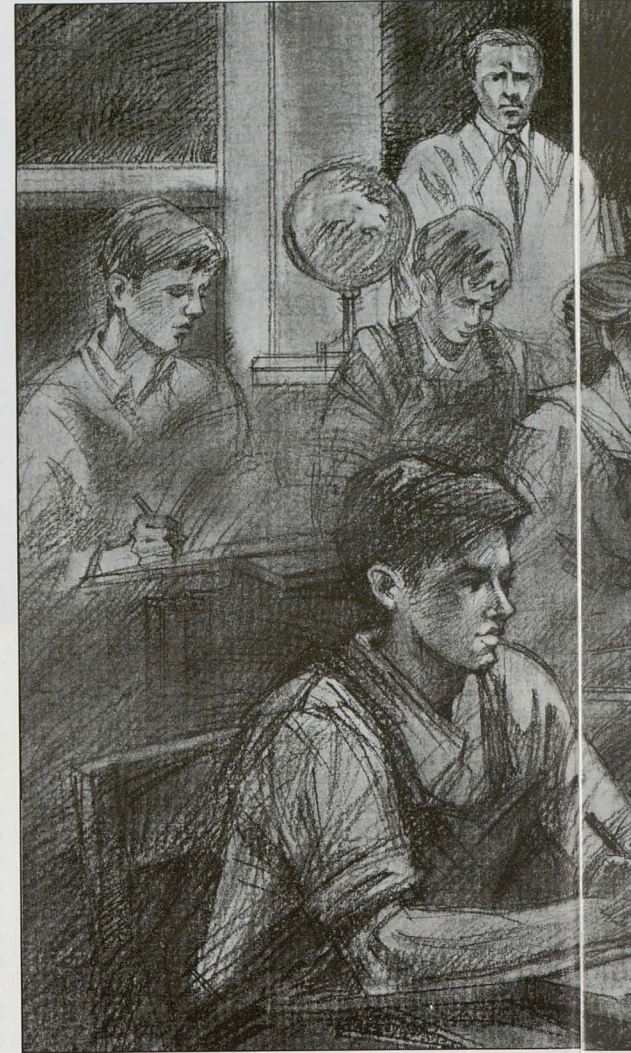
O que vós entendeis pela palavra *honra*? Para mim, *honra* é resumida nesta expressão do poeta Tennyson: “A palavra (de honra) de um homem é Deus no homem” (*Idylls of the King*, “The Coming of Arthur”, verso 132). Homem honrado é aquele que é digno de confiança; sem enganos; está acima de embustes, mentiras, roubos ou qualquer forma de engodo. Homem honrado é aquele que aprende logo que não pode fazer coisas erradas e sentir-se bem. O caráter de um homem é julgado pela maneira como cumpre sua palavra e seus acordos.

Hoje em dia, está-se tornando muito comum que os homens não honrem seus acordos. Lemos a respeito de atletas famosos que contratam advogados para ajudá-los a quebrarem seus contratos; a respeito da quebra de contratos de casamento; a respeito de falências pessoais desnecessárias, fraudes e outras práticas enganosas. A honra tornou-se tão excepcional, que, quando um homem faz uma coisa honrada, torna-se notícia.

Por mais importantes que sejam os compromissos entre indivíduos, eles são superados pelos convênios que o homem faz com Deus. Como membros da verdadeira Igreja de Jesus Cristo, fizestes convênios com ele no batismo. É por isso que sois chamados de *filhos do convênio*.

Como parte desse convênio, concordastes em “servir de testemunhas de Deus em *qualquer tempo, em todas as coisas e em qualquer lugar* em que vos encontréis, mesmo até à morte” (Mosiah 18:9; grifo nosso).

Por ocasião do batismo, concordastes em guardar todos os mandamentos de Deus. Ele não vos deixou imaginando sozinhos quais seriam, ou o que é certo e o que é errado. Ele é bastante



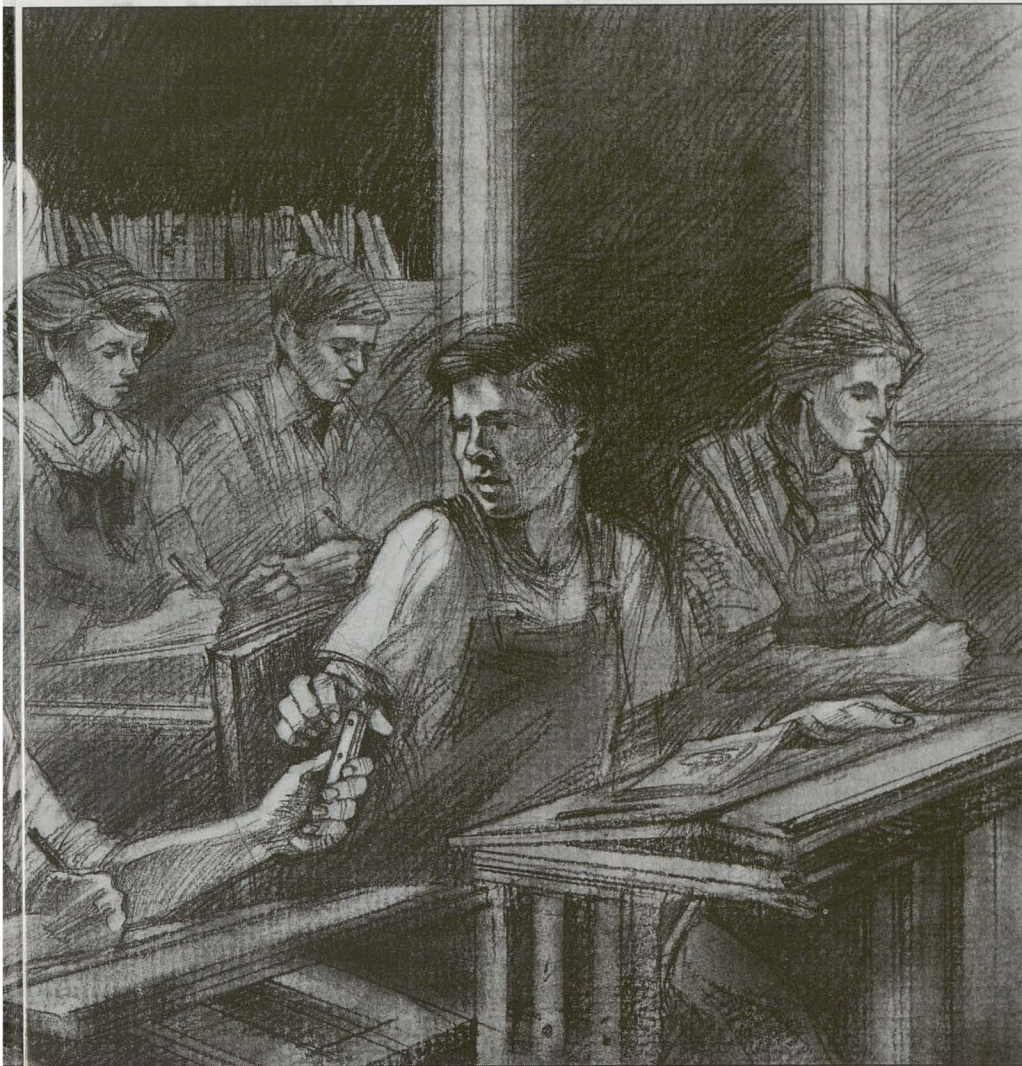
específico e claro a respeito de como deveis conduzir vossa vida como membros de sua igreja. Suas leis estão incorporadas nos Dez Mandamentos, no Sermão da Montanha e nas revelações modernas.

Os Dez Mandamentos, por exemplo, descrevem nosso relacionamento com Deus, com a família, com nossos semelhantes. Lede novamente essas leis básicas:

- Não terás outros deuses diante de mim.
- Não farás para ti imagem de escultura.
- Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão.
- Lembra-te do dia do sábado para o santificar.

Estes quatro mandamentos básicos demonstram como devemos honrar a Deus. O mandamento seguinte demonstra como devemos honrar nossas

A Liahona



relações familiares.

- *Honra a teu pai e a tua mãe.*

Não há verdadeira grandeza sem honrar aos pais e progenitores. Os últimos cinco demonstram como respeitar nosso relacionamento com outras pessoas.

- *Não matarás.*
- *Não adulterarás.*
- *Não furtarás.*
- *Não dirás falso testemunho.*
- *Não cobiçarás.* (Êxodo 20:3-4, 7-8, 12-17.)

Vê-se claramente que, se todo indivíduo honrasse esses mandamentos, a sociedade — a soma de indivíduos — desprezaria a irreverência, guardaria o Dia do Senhor, honraria os pais e os votos matrimoniais e praticaria a virtude.

Podeis imaginar como seria a sociedade, se vivêssemos conforme Deus ordenou?

Junho de 1985

A única vez que me lembro de alguém ter duvidado de minha honra foi durante uma prova no colégio. Creio que era um exame de Economia. O professor tinha o hábito de ficar em pé no fundo da sala, observando os alunos durante as provas. Eu escrevia apressado, quando a ponta de meu lápis quebrou. Pedi ao meu vizinho na outra fileira que me emprestasse seu canivete. Quando ele me deu o canivete, o professor veio pelo espaço entre as fileiras e disse: “Entregue sua prova e não terá permissão para jogar na partida de basquete esta noite.” Eu era o atacante do time. Expliquei que estava pedindo o canivete para apontar meu lápis, mas nenhuma explicação o satisfazia.

Naquela tarde, voltei para casa a cavalo depois das aulas, um tanto desapontado e contei a meu pai o que acontecera. Ele tinha certeza de que eu

Por mais importantes que sejam os compromissos entre indivíduos, eles são superados pelos convênios que o homem faz com Deus.

era honesto. Eu sabia que era.

Eu estava fora ordenhando as vacas, quando veio um telefonema do nosso treinador, dizendo que deveria ir ao ginásio naquela noite, que o professor queria falar comigo e ele esperava que eu pudesse jogar. Relutei em ir, mas, incentivado por papai, fui ao ginásio e encontrei o professor. Ele perguntou-me se confessaria minha desonestidade, ao que respondi: “Não fui desonesto. Não há nada a confessar.” Relutantemente, ele me permitiu jogar. Fui para o jogo sem muito entusiasmo e perdemos. Embora não desejasse nada de mal ao professor (estava apenas fazendo o que achava certo), realmente aprendi com esse incidente como era importante manter meu nome e o nome de meu pai acima de qualquer censura. Tenho tentado fazer isso durante toda minha vida.

Realmente, servimos de testemunhas de Deus (“em qualquer tempo, em todas as coisas, e em qualquer lugar”) através de nossas ações. Quando nossas ações são honradas, trazemos crédito à sua igreja e reino; quando não o são, isto reflete na Igreja inteira.

Que possais viver de acordo com vossos solenes convênios com Deus, merecendo dessa forma o respeito de Deus e de vossos semelhantes. □

LIBERDADE, PAZ E SEGURANÇA

Élder Robert L. Simpson
Do Primeiro Quorum dos Setenta

Jim acabara de completar dezoito anos. Estava sentado diante de uma autoridade geral da Igreja, obviamente nervoso, cheio de frustração e mostrando muita animosidade. Seu pedido foi sem rodeios, simplesmente irrompeu como se não pudesse esperar para dizê-lo.

“Quero ser excomungado da Igreja — hoje!”

“Há quanto tempo você é membro?”

“Há cerca de três anos,” foi a resposta.

“Por que você está fazendo esse pedido?”

“Porque perdi meu livre-arbítrio. Gosto de fumar, e a Igreja está-me privando de meu livre-arbítrio de viver da maneira como quero.”

Jim não conseguia reconhecer que seu mais importante exercício de livre-arbítrio dera-se quando decidiu ser batizado e viver de acordo com os padrões do evangelho.

Jim, obviamente, fizera amizade com jovens de sua própria idade fora da Igreja, que gradualmente entorpeceram sua sensibilidade e elevação espiritual que sentira na época de seu convênio batismal.

Ele não era mais um homem livre. Caíra vítima de um dos muitos métodos e logros do adversário, que chega a iludir os próprios eleitos em certas ocasiões e tenta as pessoas a abandonarem a verdade. Jim queixa-se de que a Igreja o estava privando de sua liberdade. Mas, realmente é a verdade do evangelho que nos torna livres (ver João 8:32). Todos temos uma grande necessidade de ser livres.

Era bastante tarde. Os missionários tinham acabado de ler as escrituras e apagar a luz, quando uma batida angustiada na porta quebrou o silêncio. O Élder Franklin abriu a porta e encontrou Steve, um dos valorosos jovens conversos de nove meses atrás, ali de pé, sem seu costumeiro sorriso e segurando um papel enrolado na mão.

“Élder Franklin”, disse ele, “vim trazer-lhe meu certificado de ordenação ao sacerdócio. Por favor, guarde-o para



mim até que eu possa resolver um problema. Não me sinto digno do sacerdócio no momento, mas sei que logo estarei de volta para pegá-lo.”

Conforme se verificou, o que Steve fez não era necessário — exceto, talvez, para sua própria paz interior, até que pudesse colocar as coisas em ordem, para sua própria satisfação. Mas a paz interior é a chave. Ele não teve paz, enquanto havia um conflito com seu chamado ao sacerdócio. Todos

A Liahona

precisamos de paz — paz interior.

Sue estava extremamente quieta, quando a família voltava para casa de uma reunião de jejum e testemunho. Tão quieta, na verdade, que logo em seguida o pai procurou uma oportunidade para falar com ela a sós. Para encurtar a longa história, Sue andava às voltas com a impressão de que realmente não tinha um testemunho do evangelho. Dois ou três membros haviam expressado naquele dia “certeza absoluta” de que o evangelho é verdadeiro, e, em lágrimas, Sue disse: “Papai, não posso dizer que sei que é verdadeira, e isso me preocupa.”

O pai de Sue era paciente e compreensivo, pois lembrava-se claramente de seus anos de adolescência, em que desenvolvera seu testemunho.

“Sue,” perguntou “por que você paga o dízimo?”

“Porque sei que é um mandamento do Senhor,” respondeu ela prontamente.

O pai de Sue revisou rapidamente com ela alguns princípios básicos, inclusive a Palavra de Sabedoria, lei do jejum, participação do sacramento, elevados padrões de moral e oração. A cada um deles Sue pôde responder positiva e prontamente. Logo sorriu para seu pai e disse: “Ótimo, Papai. Percebo que realmente tenho algum testemunho diante de tudo o que o senhor mencionou. Acho que posso prestar testemunho a respeito das coisas que entendo.”

E é assim que as coisas são com todos nós. Sue certamente sentira falta de segurança nesta Igreja, que ela amava, mas não depois de seu pai provar-lhe que estava no caminho certo, desenvolvendo um testemunho a respeito de muitas verdades. A verdadeira segurança vem com o desenvolvimento do testemunho. Espera-se que empreguemos grande parte de nosso tempo aqui na mortalidade desenvolvendo nosso testemunho, aprofundando nosso testemunho e sentindo a maravilhosa

segurança trazida a cada nova verdade aceita. Todos temos uma necessidade urgente de segurança.

Desde o começo, as pessoas vêm procurando ser livres. No decorrer dos tempos, as pessoas sentiram necessidade extrema de segurança. Não importa quão duras ou perversas possam ter-se tornado, as pessoas na verdade, lá no fundo, gostariam de ter paz interior.

Não sois gratos pelo fato de nós, santos dos últimos dias, sermos os guardiões da maior torrente de verdade que já se derramou sobre a terra em qualquer época? O objetivo primordial é compartilharmos liberalmente esta verdade revelada que nos foi confiada, pois o Salvador declarou que “a verdade vos libertará” (João 8:32). Vós e eu precisamos ouvir o profeta vivo e submeter-nos aos seus ensinamentos.

A paz parece ser um objetivo importante neste mundo e sempre o foi. Paz na terra foi uma das mensagens-chave declaradas pelas hostes celestiais que anunciaram o nascimento do Salvador. No entanto, no decorrer das últimas três guerras, centenas de rapazes SUD encontravam-se em trincheiras enquanto morteiros, bombas e foguetes ameaçavam sua vida por todos os lados. Os agnósticos alegam que o cristianismo falhou, porque nesses últimos dois mil anos não tem havido paz, apenas guerra e contendas entre os homens.

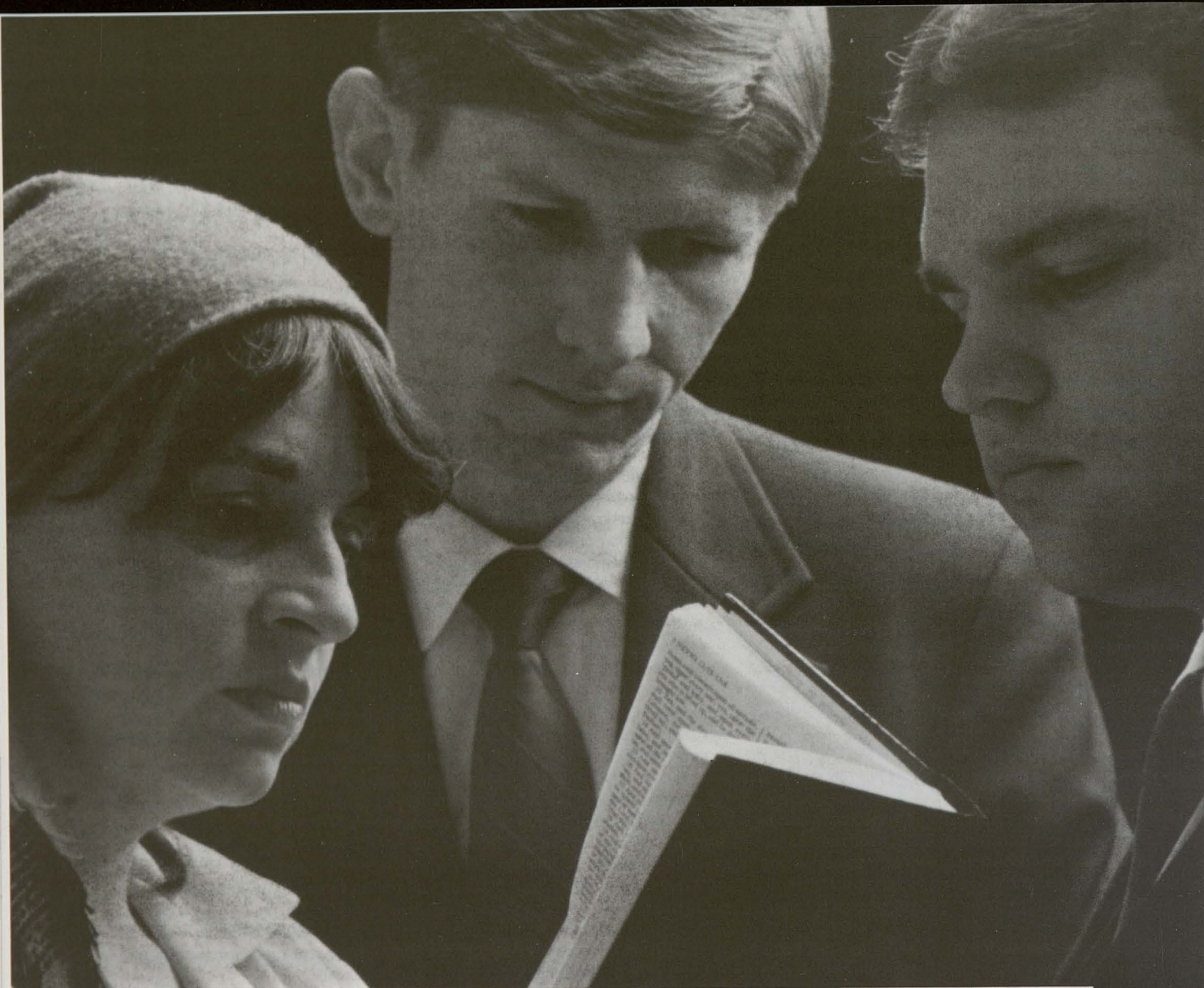
As escrituras nos dizem que esta provação mortal será afligida por contendas, guerras e rumores de guerra, especialmente nos últimos dias. O Salvador sabia disso, quando declarou: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou: não vo-la dou como o mundo a dá.” (João 14:27.) Ele, sem dúvida, se referia à “paz de Deus, que excede todo o entendimento” (Filip. 4:7) — paz interior — a paz que vem com o testemunho pessoal. E é por esse motivo que pode haver paz nas trincheiras com morteiros, bombas etc. estourando por todos os lados. A paz tem sido companheira constante daquele que diz, em qualquer circunstância e situação: “Eu sei que meu Redentor vive.” A paz

interior acompanha qualquer testemunho que se esteja desenvolvendo. Mas cuidado para que o testemunho crescente não permaneça tempo demais em estado latente. Mais pessoas neste mundo precisam encontrar o tipo de paz da qual falou o Mestre.

Não sois gratos por verdes que a verdadeira segurança vem por saber que Deus, o Pai, e seu Filho realmente apareceram num bosque sagrado nesta época da história do mundo, ou por saber que os céus foram abertos e que a autoridade do sacerdócio — direito de agir em seu sagrado nome — foi restaurada? Não sois gratos por saber com certeza que o batismo por imersão foi realizado pelo Salvador para servir de exemplo para toda a humanidade? Ele procurou alguém que tinha autoridade, João Batista. Ambos foram para um lugar onde havia “muitas águas” (João 3:23; Marcos 1:5), e as escrituras registram que o Salvador “saiu da água” (Marcos 1:10). Este é o tipo de segurança que o mundo precisa conhecer.

Não sois gratos por ser a paz interior uma coisa pessoal, baseada num relacionamento pessoal com o Pai Celestial e seu Filho amado? *O que é um testemunho em desenvolvimento, a não ser uma crescente compreensão das coisas verdadeiras e a capacidade sempre maior de amar o Salvador?* “Se me amardes, guardareis os meus mandamentos” (João 14:15). Ao fazerdes isto, conhecereis a paz que vós e eu deveríamos estar ansiosos por compartilhar liberal e livremente.

Oh, jovens de Sião! Permanecei firmes nessas coisas, acima de tudo o mais. O mundo daria tudo pelo que está em vosso poder. Ao vosso alcance está a libertação dos grilhões ameaçadores do adversário, descobrindo a verdade e vivendo-a. Tendes a base de um firme alicerce e a total segurança advinda do crescente companheirismo com Deus. Pode ser vossa a paz interior que é garantida a todos os que venham a conhecê-lo. □



O TESTEMUNHO DO ESPÍRITO SANTO

Arlin P. Neser

Uma iugoslava ensinou-me o que significa “procura(r) conhecimento... pela fé.”

Durante toda a época do colegial e no início da faculdade, o estudo extensivo parecia-me obrigatório, se quisesse entender a verdade — se é que, na realidade, havia alguma verdade para ser entendida. Conseqüentemente, em assuntos religiosos, eu via com certo ceticismo a possibilidade de vir a descobrir a verdade real antes de ser velho, grisalho e ter aprendido muito e feito muitas comparações.

Foi necessária esta experiência missionária para me ajudar a perceber, de maneira clara, que a descoberta da verdade pode acontecer em alguns casos

antes de muito estudo. Isto não quer dizer que o estudo se torne irrelevante depois que a verdade é entendida. Pelo contrário, o estudo ganha nova ênfase, quando percebemos que o conceito que estamos aprendendo é verdadeiro. Esta nova ênfase é refletida na admoestação do Senhor de “procura(r) conhecimento... também pela fé”. (D&C 88:118.)

“Recebi Estas Coisas”

Uma gota de chuva caiu sobre a página, borrando o nome da rua e o

número do prédio de apartamentos. Decifrei o restante das linhas escritas às pressas como “verifique a senhora iugoslava no primeiro apartamento à direita”. Bem, pensei, *uma apresentação rápida à porta servirá, sem explicação do Livro de Mórmon. Ela, provavelmente, não vai-se interessar mesmo. Hoje foi realmente frio e aborrecido, como a chuva penetrando na minha capa de chuva.*

A relutância de meu novo companheiro fez com que fosse de novo minha vez de fazer a apresentação missionária. Eu estava cansado, com



O Estalido do Chicote

Mary Pratt Parrish

Tommy e Betsy estavam lá embaixo, no riacho, esfregando os pratos do desjejum com areia branca e limpa, quando ouviram Brigham Young chamar os santos à praça central. Mal tiveram tempo de enxaguar os pratos na água fervente que a mãe providenciara, antes que as cinco mil pessoas que estavam acampadas junto ao Sugar Creek, Iowa, se reunissem para ouvir o que Brigham Young, seu líder, tinha a dizer. Sua mensagem foi breve: "Proponho que continuemos nossa jornada. Que todos os que quiserem me sigam."

Tommy estava exultante. Pegou Betsy pela mão e rodopiou com ela, dizendo: "Vamos para o oeste. Finalmente vamos para o oeste." De repente, ficou quieto e disse: "Não podemos ir para o oeste agora. Papai não está aqui."

Vendo o desapontamento do filho, a mãe de Tommy atalhou: "Seu pai provavelmente estará aqui amanhã, ao entardecer", disse ela. "Ele esperava terminar o trabalho em St. Joseph hoje, e se tivermos tudo pronto, poderemos partir, assim que ele chegar."

Tommy sentiu-se melhor, e no

momento em que o Presidente Young deu sinal para a longa comitiva de quinhentos carroções se pôr em marcha, ele e Betsy, felizes, acenaram em despedida para muitos de seus amigos e vizinhos. Quando a comitiva de carroções estava fora do alcance da vista, correram para perguntar à mãe o que poderiam fazer a fim de se prontarem para partir.

“Você pode bater a manteiga”, disse a mãe a Betsy.

Enquanto Betsy batia a manteiga, Tommy encheu o barril de água e o amarrou na parte exterior do carroção, para que a família tivesse água fresca para beber, quando não pudessem acampar perto de uma fonte ou de um rio. Quando Tommy voltava do riacho, viu um carroção entrar no acampamento.

“É papai”, gritou, e deixou cair o balde que carregava, correndo para cumprimentá-lo.

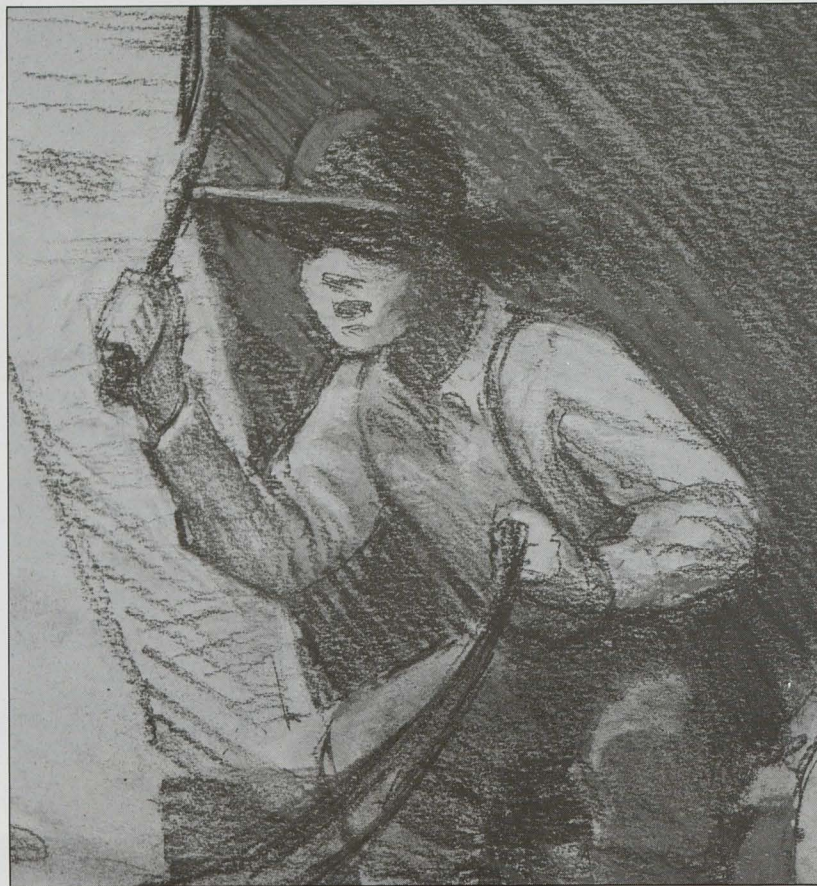
“Podemos ir para o oeste, agora que o senhor chegou?” perguntou. “Mais da metade do povo já se foi.” O pai deu uma risada e disse: “Acho que não vamos esta tarde. Comprei outro carroção e uma junta de bois em St. Joseph. É por isso que pude voltar hoje; os homens com quem fui estarão de volta só amanhã. O carroção está carregado de milho e trigo, e precisamos arrumar uma cobertura para ele.”

“Quem vai conduzir o novo carroção?” perguntou Tommy.

“Acho que sua mãe pode conduzi-lo,” respondeu papai.

“Eu bem que poderia fazê-lo,” comentou o menino, esperançoso. O pai de Tommy não respondeu por um momento. Depois, disse: “Acho que poderia. Deixaremos que você tente.” E antes que os bois fossem desatrelados, o pai ensinou-o a segurar as rédeas e a estalar o chicote para incitar os bois, mas sem machucá-los.

Tommy estava tão ansioso por conduzir os bois, que trabalhou durante toda a tarde para que pudessem partir com certeza bem cedo na manhã seguinte. Mergulhou no rio as seis ripas



de madeira especial que o pai havia comprado em St. Joseph. Quando estavam bem molhadas e flexíveis, ajudou o pai a prendê-las num lado do carroção, vergá-las em forma de arco e prendê-las no outro lado. Juntos levantaram a grande lona e colocaram-na por sobre os arcos, esticando-a com firmeza, antes de prendê-la em cada lado do carroção.

Pouco depois, Tommy ajudou o pai a fazer uma caixa de madeira comprida e funda para guardar os mantimentos; e, juntos, prenderam-na numa lateral do carroção. O pequeno galinheiro que o pai trouxera de St. Joseph foi amarrado do outro lado, para abrigar as seis galinhas que havia trazido consigo.

Betsy esperava que uma das galinhas chocasse alguns pintinhos.

Betsy e sua mãe colocaram na caixa os pratos e mantimentos de uso diário; depois, penduraram os grandes caldeirões de ferro na parte exterior. Quando a massa estava pronta, a mãe moldou alguns pães com ela, e Betsy fez biscoitos para serem assados sobre brasas numa assadeira.

Na manhã seguinte, Tommy levantou-se muito cedo. Estava ansioso demais para dormir, pensando que ia conduzir os bois. Por fim, os carroções ficaram prontos, e ele subiu na boléia ao lado da mãe, à espera do sinal que faria o pequeno comboio de trinta e dois carroções partir em direção ao

oeste.

Por fim, veio o sinal, e com um leve movimento das rédeas e um estalido do chicote, o carroção de Tommy se pôs em movimento. Era a primeira vez que Tommy conduzia um carroção, e estava tão atento ao que fazia, que não notou como o sol brilhava nem como o tempo estava esquentando. Não percebeu nem mesmo que sua mãe substituíra seu pesado casaco de inverno por um leve xale. Notou apenas que era obrigado a estalar o chicote com mais frequência para manter os bois em movimento. De repente, percebeu que era porque o solo estava degelando; as rodas do carroção afundavam cada vez mais no chão encharcado do campo, dificultando cada vez mais o trabalho dos bois.

Tommy tinha medo de que não conseguiriam alcançar o comboio principal que partira de Sugar Creek no dia anterior. E ficou surpreso e feliz, quando, já ao anoitecer, ouviu o ruído de vozes e soube que o acampamento não estava longe. Ele procurava incitar os bois com palavras gentis e carinhosas. "Firme agora", dizia. "Puxem juntos!" Os bois correspondiam como se entendessem cada palavra. Empenhavam-se cambaleantes com tanta força, que as rodas rolaram facilmente, e logo Tommy viu-se no acampamento, rodeado por amigos admirados.

"Você conduziu o carroção o tempo todo, de Sugar Creek até aqui?" perguntou um deles.

"Isso é ótimo", disse um outro. "Gostaria de que meu pai me deixasse dirigir o carroção."

De repente, começou a chover. De início era uma chuva leve, mansa, que não incomodou Tommy enquanto ordenhava a vaca e ajudava o pai a alimentar os bois. Mais tarde, quando começaram a armar a barraca, a chuva já caía em torrentes violentas e tempestuosas que doíam nos ombros de Tommy. O vento soprava tão forte, que arrancou a barraca das mãos deles.

"Teremos que passar sem a barraca esta noite", decidiu finalmente o pai.

"Onde você e mamãe vão dormir?" perguntou Tommy. "Meu carroção está cheio demais de milho e trigo para que alguém possa dormir nele."

"Você e Betsy podem dormir com mamãe no outro carroção." respondeu o pai; "Eu farei uma cama debaixo dele para mim."

"Eu dormirei embaixo do carroção", disse Tommy com firmeza.

O pai não respondeu imediatamente, mas Tommy soube, pela pressão de sua mão, que estava orgulhoso por seu filho ter-se oferecido. Por fim, o pai disse calmamente: "Vou ajudá-lo a colher ramos de pinheiro para forrar o chão, a fim de que sua cama não afunde na lama."

Tommy ficou contente, quando juntaram galhos de pinheiro suficientes, porque era difícil cortá-los na chuva fustigante. Sobre esses galhos de pinheiro, ele e o pai estenderam a barraca dobrada, deixando um pedaço suficiente de cada lado solto para cobrir o colchão, para que Tommy não ficasse molhado.

Quando a cama ficou pronta, Tommy rastejou para dentro dela. De início, foi apavorante ficar sozinho na tempestade. Jamais ouvira trovões tão fortes, e os relâmpagos caíam tão próximos, que podia ver galhos pegando fogo no topo das árvores onde o relâmpago havia batido. Embora soubesse que a chuva forte logo o apagaria, Tommy estava com medo. *E se o relâmpago atingisse o carroção onde os outros estão dormindo?* perguntou a si mesmo. Tinha vontade de chamar o pai e pedir que o confortasse, mas não queria que ninguém soubesse que estava com medo.

Vou pedir ao Pai Celestial que me ajude, disse de si para si. E foi o que fez. Tommy quase esperava que sua oração fosse respondida pelo cessar dos trovões e relâmpagos. Mas, em vez disso, ela foi respondida com o fato de Tommy não ter mais medo.

Então Tommy passou a apreciar a tempestade. Era quase como se fogos gigantes explodissem por todos os

lados. Em lugar de dormir, ele queria ficar acordado, para não perder aquele espetáculo. Mas, como a tempestade durou a noite inteira, os olhos de Tommy finalmente se fecharam. Ele só acordou ao sentir os pés molhados e descobrir que o pequeno riacho ao lado do qual haviam acampado, transformara-se numa torrente violenta durante a noite.

Nervoso, Tommy chamou o pai. "O riacho transbordou, e as rodas traseiras do carroção estão na água!"

O pai de Tommy saiu do carroção num instante. Quando viu a situação, ajudou Tommy a tirar a cama debaixo do carroção e depois atrelou as duas juntas de bois para safar o carroção da enchente. Mas o chão estava tão escorregadio, que os bois não tinham como firmar os cascos.

"Teremos que fazer uma pista de troncos", concluiu o pai.

Para isso, Tommy e o pai cortaram uma porção de árvores. Depois de podarem os ramos, colocaram os troncos lado a lado na frente do carroção; depois, com ramos de salgueiros, amarraram firmemente os troncos uns aos outros, para que não rolassem. Terminando esta parte, empilharam capim rijo e folhas de pinheiro sobre os troncos, para que os cascos dos bois não entalasses nas fendas.

Por fim, persuadiram os bois assustados a subirem na pista de troncos e os atrelaram ao carroção. O pai falava com os bois com voz mansa e tranquilizadora: "Firme, agora. Puxem juntos!"

E os bois realmente puxaram juntos. As pesadas rodas do carroção saíram da lama para o capim rijo e rodaram pela pista de troncos até a estrada rústica que o Acampamento de Israel seguiria aquele dia.

Tommy gritou: "Viva!" e pôde ver, pela expressão no rosto de sua mãe, que ela estava orgulhosa de seus dois "homens". □



**Naomi W. Randall
Mildred Tanner Pettit**

Em 1957, a Irmã Naomi Randall foi encarregada de providenciar uma música nova para a conferência geral da Primária. Ela chamou Mildred Pettit, que havia sido membro da Junta Geral da Primária e já havia composto canções e operetas para crianças, pedindo-lhe que se encarregasse da melodia. Disse que ela própria escreveria a letra da música, e depois a enviaria à Irmã Pettit para ser musicada. Antes de ir para a cama naquela noite, a Irmã Randall orou pedindo ajuda a fim de achar as palavras certas para a canção. Horas depois, ela acordou, saiu da cama e escreveu a letra das três estrofes. Depois, agradeceu ao Pai Celestial por tê-la ajudado. Mais tarde, remeteu a letra pelo correio para a Irmã Pettit.

A Irmã Pettit também queria fazer a música da maneira que o Senhor quisesse. Sentiu que sabia como deveria ser a melodia, mas trabalhou arduamente e refez diversas vezes a parte final; pediu aos filhos que a cantassem muitas vezes, até se convencer de que estava perfeita.

As duas mulheres trabalharam juntas no estribilho e, depois de uma semana, a música estava pronta. Mais tarde, o Elder Spencer W. Kimball sugeriu que se fizesse uma pequena mudança na letra, explicando que "saber não basta... Temos que fazer o certo."

A Irmã Randall acredita que "podemos aprender o evangelho através de músicas", e que "as verdades que aprendemos cantando, nos ajudarão nas horas críticas de nossa vida".



Elizabeth Fetzer Bates

Elizabeth Fetzer Bates, uma professora de piano e mãe de seis filhos, ficou completamente cega em 1951. Aceitou sua cegueira como um desafio e decidiu que aprenderia a fazer tudo o que pudesse. Disse ela: "Compus 'Meninos Pioneiros', porque todos somos pioneiros — nunca estivemos no dia de hoje antes."

Em 1969, ela compôs "Histórias do Livro de Mórmon", porque ama o Livro de Mórmon e é grata pela América. Ela acha que as crianças gostam dessa música, porque é simples e verdadeira.

A Irmã Bates ainda dá aulas de piano, e acredita que todos deveriam compor uma canção. "O Pai Celestial criou tantas coisas lindas, que deveríamos cantar em nossa caminhada! Lembrando-nos de ser gratos, seremos sempre felizes."

**Divertir-se
com os
Favoritos**

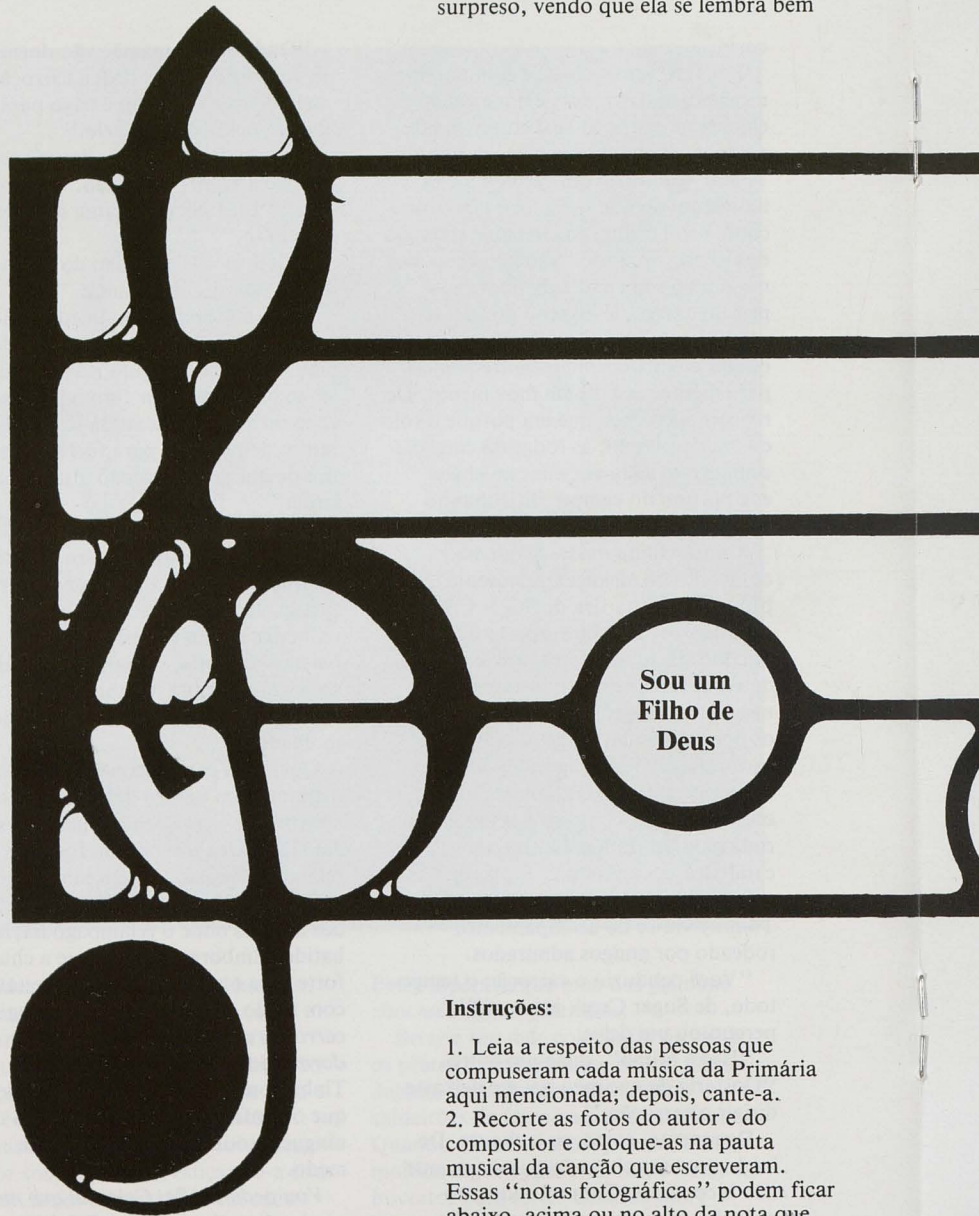
Pat Graham

O coração alegre serve
de bom remédio.
(Provérbios 17:22.)



Se você tiver uma música da Primária que seja sua favorita, provavelmente já

memorizou toda a letra e gosta de cantá-la freqüentemente. Peça à sua mãe ou professora que lhe cante uma música favorita que tenha aprendido quando era criança. Você talvez fique surpreso, vendo que ela se lembra bem



Sou um
Filho de
Deus

Instruções:

1. Leia a respeito das pessoas que compuseram cada música da Primária aqui mencionada; depois, cante-a.
2. Recorte as fotos do autor e do compositor e coloque-as na pauta musical da canção que escreveram. Essas "notas fotográficas" podem ficar abaixo, acima ou no alto da nota que contém o título da música.
3. Toque, ou peça a alguém que conheça música, que toque a música que você compôs, acrescentando notas musicais. Movimente as notas e decida onde você gosta mais delas.
4. Coloque letra em sua melodia. Por exemplo: "Posso escrever músicas" se encaixaria bem na melodia criada pelas

da letra. Se você fosse visitar uma Primária em qualquer lugar do mundo, sentir-se-ia bem à vontade, porque os meninos e meninas estariam cantando as mesmas músicas que você canta na sua Primária.

A pessoa que escreve a letra de uma música é o autor, e seu nome vem impresso no canto superior esquerdo da folha onde está impressa a música. A

pessoa que escreve a música é o compositor, e seu nome fica no canto superior direito. Algumas vezes o autor e o compositor trabalham juntos compondo uma canção. Outras vezes o compositor usa os versos de um poema ou uma escritura como letra e compõe uma melodia para ela. Ocasionalmente a mesma pessoa escreve tanto a letra como a música.

As
Placas
de Ouro

Com
Amor, com
Fervor

Histórias
do Livro
de Mórmon

notas dos títulos das músicas. Tente outras palavras que se enquadrem no seu arranjo musical.

Idéias para o Tempo de Compartilhar

1. Trace uma grande pauta musical no quadro-negro ou num cartaz. Recorte nove círculos para as notas. Escreva o título de uma música, o autor e o compositor, ou autor/compositor em cada nota.
2. Apresentando uma música por vez, coloque as notas na ordem apropriada para começar a música escolhida. Peça às crianças ou às professoras que falem alguma coisa previamente designada a respeito dela.
3. Arrume as notas de modo que forme

o início de uma das músicas escolhidas. Deixe que as crianças olhem as notas e tentem reconhecê-la com seu "ouvido interior". Depois, cantem a música.

4. Peça às crianças que coloquem notas ao acaso na pauta. Depois, peça à pianista que toque a melodia resultante. Convide as crianças a cantarolarem a melodia, para que possam pensar em palavras que se encaixem nela.
5. Faça uma "busca de músicas", pedindo às crianças que olhem no hinário e procurem músicas do mesmo autor ou compositor. Cantem outras músicas da mesma pessoa.
6. Convide algum compositor ou letrista para que conte experiências suas às crianças.



J. Spencer Cornwall Rose Thomas Graham

Quando Spencer Cornwall tinha apenas quatro anos de idade, aprendeu a tocar música num órgão de fole. Como não conseguia alcançar os pedais, seu irmão os acionava para ele. Spencer estava tão ansioso para aprender, que tinha a aula pela manhã, praticava à tarde, e depois voltava correndo na manhã seguinte para outra aula.

Quando o Irmão Cornwall cresceu e se tornou músico exímio passou a trabalhar como supervisor de música do Distrito de Escolas Elementares de Lago Salgado. Também regeu o coro do Tabernáculo durante vinte e três anos. Ele achava que a música era uma razão maravilhosa para as pessoas se reunirem. Disse ele: "Meu maior prazer era ensinar crianças a cantar e a descobrirem a alegria de fazer sua própria música." A música era sua vida, e ainda estava compondo aos noventa e cinco anos de idade.

Quando *As Crianças Cantam* estava sendo compilado, houve necessidade de músicas com temas mórmons específicos. Os compiladores entraram em contato com Rose Thomas Graham, uma poetisa, em busca de possíveis textos que servissem de letra. "As Placas de Ouro" foi selecionado de uma coletânea de seus poemas. Pouco depois, o Irmão Cornwall foi solicitado a musicar essa letra.



Clara Watkins McMaster

Clara McMaster era a décima-primeira filha da família, e aprendeu a gostar de música com pouca idade. Ela cantava e acompanhava outras pessoas ao piano, enquanto crescia em Brigham City, Utah. Participou do coro do Tabernáculo durante vinte e dois anos. Hoje ela e seu marido cantam juntos em numerosas ocasiões na igreja. "A música é um rico dom de Deus, e está no mundo para tornar a vida de seus filhos mais feliz e melhor", diz a Irmã McMaster.

Quando servia na Junta Geral da Primária, a Irmã McMaster recebeu a incumbência de compor uma música para o primeiro programa de reverência. Ela trabalhou muito e orou para que fosse inspirada a escrever o que fosse melhor para as crianças. Um dia, olhando pela janela e pensando na sua designação, veio-lhe uma idéia. Foi para o piano e fez a notação na mesma hora. A nova música era "Com Amor, com Fervor". "Senti-me muito humilde", disse ela. "Se você se prepara e faz tudo o que pode fazer, então o Pai Celestial o ajudará." A Irmã McMaster compôs outras músicas favoritas da Primária, como "Meu Pai Celestial Me Tem Afeição" e "Faze-me Andar na Luz".

BUSCAI O SENHOR

Joanne Doxey

Fervorosamente .

Joanne Doxey

Eu bus - ca - rei ce - do ao

meu Se - nhor, E a ver - da - de co - nhe - ce - rei. As

es - cri - tu - ras es - tu - da - rei, e ao Pai Ce - les - te eu

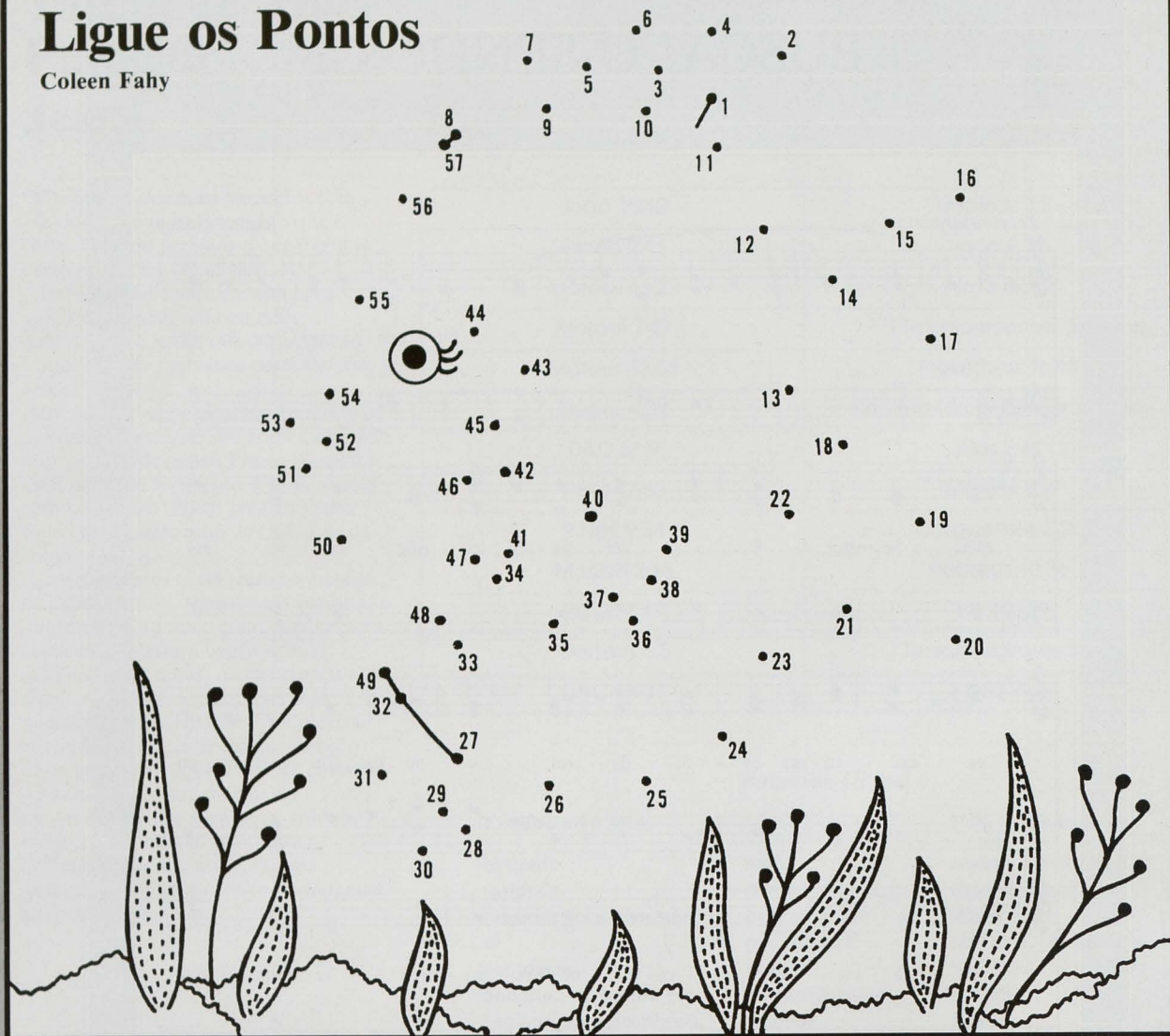
o - ra - rei. Eu bus - ca - rei ce - do ao meu Se - nhor, aos

seus pro - fe - tas eu ou - vi - rei. E a seus man - da - men - tos o -

be - de - ce - rei. Ao Se - nhor bus - ca - rei e o en - con - tra - rei.

Ligue os Pontos

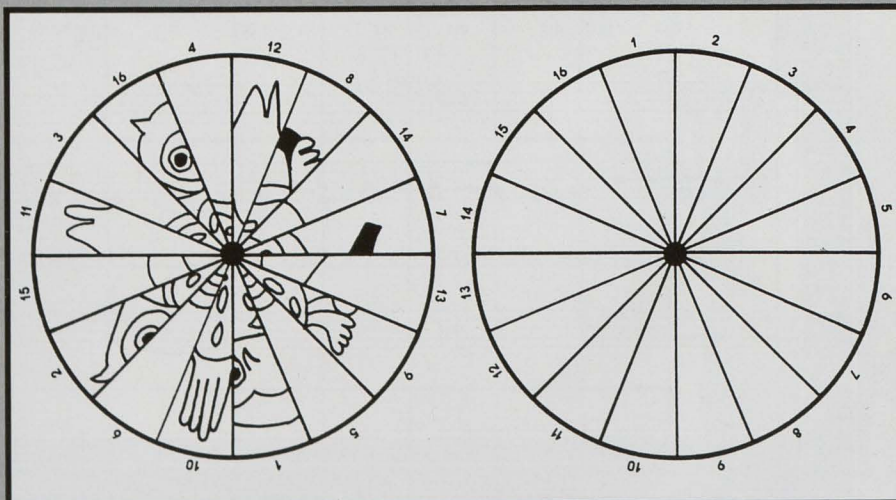
Coleen Fahy



Quebra- -Cabeças do Pássaro

Donna Lugg Pape

Para formar a figura do pássaro, copie cada parte da figura no círculo dividido em partes que está em branco, no lugar que tenha o mesmo número.



É possível saber a veracidade de uma mensagem antes de ter aprendido todos os detalhes a respeito do assunto, por causa do poder testificador do Espírito Santo.

frio demais e impaciente para dar-lhe qualquer encorajamento. Quando nos aproximamos da entrada do prédio de apartamentos, mudei a mochila de um ombro para outro. Os dois exemplares do Livro de Mórmon em alemão que meu companheiro pusera no fundo da mochila de manhã, contrariando minhas recomendações, estavam pesando nas minhas costas.

Minha relutância pessoal em falar a respeito do Livro de Mórmon em nosso primeiro contato com as pessoas e em levar exemplares dele em alemão, era baseada neste raciocínio: Não tínhamos uma tradução do Livro de Mórmon que a maioria dos trabalhadores iugoslavos que moravam temporariamente na Alemanha pudessem ler. A maioria desses trabalhadores iugoslavos falava o servo-croata. Como poderiam obter um testemunho de algo que não conseguiam ler? Como poderiam “receber essas coisas”, conforme Morôni admoesta, se as páginas lhes pareciam indecifráveis? É verdade que alguns sabiam ler o alemão, mas a maioria não se sentia à vontade com essa língua. Mesmo assim, meu companheiro e eu subimos os degraus do prédio. Ao nos voltarmos para bater à porta, notamos uma senhora subindo com dificuldade a escada em espiral de cimento que levava ao subsolo, carregando uma grande tina de roupa recém-lavada. Os calos de suas mãos nodosas contrastavam vivamente com a pele clara da face e os cabelos muito pretos, meticulosamente puxados para trás debaixo de um lenço vivamente colorido.

Afastei-me lentamente da porta do apartamento e falei com ela. Depois de nos apresentarmos como missionários, propus sem entusiasmo voltarmos outro dia devido ao adiantado da hora. Mesmo assim, ela nos convidou a entrar.

Entramos, e rapidamente dei uma versão resumida da primeira palestra, falando sobre Joseph Smith, a Primeira Visão e o Livro de Mórmon. Em seguida, prestei testemunho da

veracidade daquilo que havia acabado de dizer, e depois perguntei se ela gostaria de saber mais, esperando, é claro, que dissesse não e nos dispensasse. Em vez disso, perguntou se tínhamos um exemplar do Livro de Mórmon que pudesse ver. Meu companheiro rapidamente tirou um dos exemplares em alemão da mochila que me incomodava há horas. Ele sorriu de esguelha, como que dizendo: “Eu não lhe disse?”

Estendi-lhe o livro, perguntando se ela lia alemão. Respondeu que não. Comecei a pegar o livro de volta, explicando que, infelizmente, não tínhamos um exemplar que ela pudesse ler e entender. Ela insistiu em que eu lhe desse o exemplar, mesmo assim, o acedi. Seus dedos ásperos folhearam delicadamente as páginas introdutórias que continham as ilustrações de Joseph Smith, Morôni e das civilizações da América antiga. Ela fez várias perguntas a respeito das gravuras e depois concluiu, pedindo que lhe deixássemos o livro por alguns dias. Disse que tinha uma amiga que falava alemão e que gostaria de mostrá-lo a essa amiga.

Minha mente imediatamente lembrou-se de um incidente semelhante em que o “amigo” acabou sendo um líder de uma seita local muito hostil à nossa causa. Entretanto, acabei concordando que ficasse com o livro. Não estabelecemos um dia específico para voltar. Eu disse simplesmente que voltariamos dentro de poucos dias.

Partimos, e meu companheiro observou que o encontro havia sido bastante positivo. Sentia-se confiante de que realmente havíamos tido um contato de ouro. Murmurei um cético “com certeza”, ainda com muitas dúvidas.

Poucos dias depois, era a vez de meu companheiro planejar as atividades do dia. Sugeriu que voltássemos à casa da senhora iugoslava que ficara com o exemplar em alemão do Livro de Mórmon. Concordei, mas ainda convencido de que não teríamos

sucesso. Encontramos a casa, e passei a perguntar-lhe como havia sido sua experiência de mostrar o Livro de Mórmon à sua amiga. Ela disse que não conseguira encontrar-se com a tal amiga nos últimos dias, mas que ela própria havia olhado o livro e estudado as gravuras, tendo mesmo orado a respeito da veracidade do livro, como eu lhe dissera que Morôni mandou. Depois, disse que sentia que o livro era a verdadeira palavra de Deus.

Senti-me aturdido pela sua afirmação. Depois de tantas rejeições, duvidava um pouco de sua sinceridade. Voltei a perguntar se sabia ler alemão. Ela repetiu que não sabia, mas que havia ponderado sobre nossa palestra anterior e orado a respeito. Minha reação inicial foi de suspeita. *Como, pensei, ela poderia ter testemunho de um livro que nem conseguia ler?*

Nesse meio tempo, meu companheiro percebera que ela realmente sabia que o Livro de Mórmon era verdadeiro e ficou entusiasmado com a perspectiva. Encorajou-me a ensiná-la mais. Voltei ao início da palestra a respeito de Joseph Smith e da Primeira Visão, ainda de certa forma duvidando da situação. Concluímos aquele encontro e fomos a outros lugares. Depois de poucas semanas de aprendizado, a senhora iugoslava foi batizada. Com o tempo, ela realmente recebeu um exemplar do Livro de Mórmon que podia ler e entender por si mesma.

Depois que afirmou pela primeira vez que sabia ser o Livro de Mórmon verdadeiro, notei uma diferença marcante em seu interesse e capacidade de assimilar os princípios do evangelho, comparada com outros pesquisadores que já ensinávamos. Ela parecia quase uma criança, com os olhos muito abertos e ansiosa por saborear tudo o que tínhamos para dizer. Não era como outros pesquisadores, prontos a criticar todas as nossas palavras, para provar ou refutar a veracidade de nossa mensagem. Seu conhecimento a respeito do Livro de Mórmon e do evangelho

creceu rapidamente, como não acontecera com ninguém com quem eu lidara antes. Ela parecia ser exatamente a pessoa que Morôni tinha em mente ao falar daqueles que “recebe(m) estas coisas” (Morôni 10:4), e a quem a verdade é manifestada; no entanto, ela nem sequer *chegara a ler* “estas coisas”. (Morôni 10:3.)

“Procurai conhecimento... também pela fé”

Tenho ponderado muitas vezes o significado dessa experiência. Por muito tempo continuei achando difícil acreditar que alguém pudesse chegar ao conhecimento da verdade, sem um estudo razoável. Só recentemente percebi, de fato, qual pode ser o significado da história da conversão daquela senhora iugoslava.

É possível saber a veracidade de uma mensagem antes de ter aprendido todos os detalhes a respeito do assunto, por causa do poder testificador do Espírito Santo. Quando procuramos a verdade, Deus pode dar ao indivíduo, por causa de sua fé, o entendimento de que aquele conceito é verdadeiro, apesar da falta de um cabal conhecimento a respeito do mesmo. Uma vez tendo recebido o testemunho da verdade, a pessoa pode concentrar sua aprendizagem nesse testemunho e assim “procura(r) conhecimento... também pela fé”. (D&C 88:118.) Alma pregou: “E agora, conforme falei com referência à fé: Fé não é ter um perfeito conhecimento das coisas; portanto, se tendes fé, tendes esperança nas coisas que não se vêem e que são verdadeiras.” (Alma 32:21.)

É certo que o conhecimento de que alguma coisa é verdadeira não é dado sempre a um indivíduo antes de certo estudo, como vemos pela experiência de Oliver Cowdery em sua tentativa de traduzir o Livro de Mórmon. O Senhor admoestou Oliver, dizendo: “Não murmures, meu filho, pois tenho sabedoria ao agir contigo desta maneira.

“Eis que não compreendeste; tu supuseste que eu to daria, quando não fizeste outra coisa senão pedir.

“Mas, eis que eu te digo, debes ponderar em tua mente; depois me debes perguntar se é correto e, se for, eu farei arder dentro de ti o teu peito; hás de sentir assim, que é certo.” (D&C 9:6-8.)

Em contraste, a experiência do Profeta Joseph Smith ao obter e conservar as placas de ouro é um bom exemplo de quando a compreensão da verdade acontece bem antes de haver qualquer aprendizagem mais extensa. O Profeta entendeu tão profundamente que as placas de ouro continham a verdade, que foi capaz de lutar contra o populacho, sofrer perseguições e fazer grandes sacrifícios para manter as placas a salvo. Tudo isso ocorreu antes de realmente ter tido a oportunidade de conhecer as mensagens doutrinárias do livro.

Por que há uma aparente diferença nessas duas experiências? Sem dúvida, há ocasiões em que o Senhor deseja que concentremos nossa aprendizagem em como aplicar a verdade na nossa vida. Então, tendo recebido o testemunho da verdade, evitamos gastar tempo determinando se um conceito é verdadeiro, podendo passar diretamente para o processo de aprender a aplicar aquela verdade em nosso dia-a-dia.

Nosso Pai Celestial, portanto, presta-nos um grande serviço, quando nos abençoa através do Espírito Santo com um testemunho da verdade. Com um testemunho de Deus, temos a nosso alcance “o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem” (Hebreus 11:1). Com esse “fundamento” e essa “prova”, ficamos ansiosos por mais luz e conhecimento de nosso Pai Celestial, como no caso da senhora iugoslava. Nossa aprendizagem se concentra em entender a vontade de nosso Pai Celestial em relação a nós e em entender seus pensamentos e seus caminhos, que não são nossos pensamentos, nem nossos caminhos.

É importante, portanto, que nos empenhemos continuamente em estar em sintonia com o Espírito. Somente estando em sintonia com o Espírito é que nos qualificamos para receber o testemunho da verdade de Deus e, dessa forma, ser orientados na importante aprendizagem de nossa vida. Conservando-nos em sintonia com o Espírito e recebendo de tempos em tempos o testemunho da verdade, tiramos maior proveito dessa provação mortal e progrediremos mais rapidamente rumo à exaltação. □

Arlin Nesor é segundo conselheiro do quorum de élderes de sua ala, em Los Angeles, Califórnia.

Nosso Pai Celestial nos presta um grande serviço, quando nos abençoa através do Espírito Santo com um testemunho da verdade.

GUIA PARA AS FAMÍLIAS

TRABALHAR JUNTOS NOS CONSELHOS DE FAMÍLIA



“Vamo-nos reunir”, diz o pai aos cinco filhos. Reconhecendo o convite habitual, a família acorre de todos os cantos da casa e do quintal para reunir-se em volta da mesa da cozinha. Está na hora de uma reunião do conselho de família.

Os membros da Igreja aprendem que existe diferença entre um conselho de família e uma noite familiar. “Quando os membros da família se reúnem cada segunda-feira para aprender o evangelho, demonstrar apreciação uns pelos outros e se divertirem juntos, dizemos que estão realizando uma noite familiar.

“Quando eles se reúnem para tomar decisões importantes,... para disciplinar ou planejar acontecimentos, estão em conselho de família.” (*Quando Te Converteres, Confirma Teus Irmãos*, Guia de Estudo para os Quoruns do Sacerdócio de Melquisedeque, 1974-75, p. 160.)

“O conselho de família é o mais básico conselho da Igreja. Pode ser realizado sob a direção do pai e da mãe, para debater problemas de família, resolver assuntos financeiros, fazer planos, apoiar e fortalecer os familiares e orar uns pelos outros e pela unidade familiar.” (*Nossa Família*, folheto,

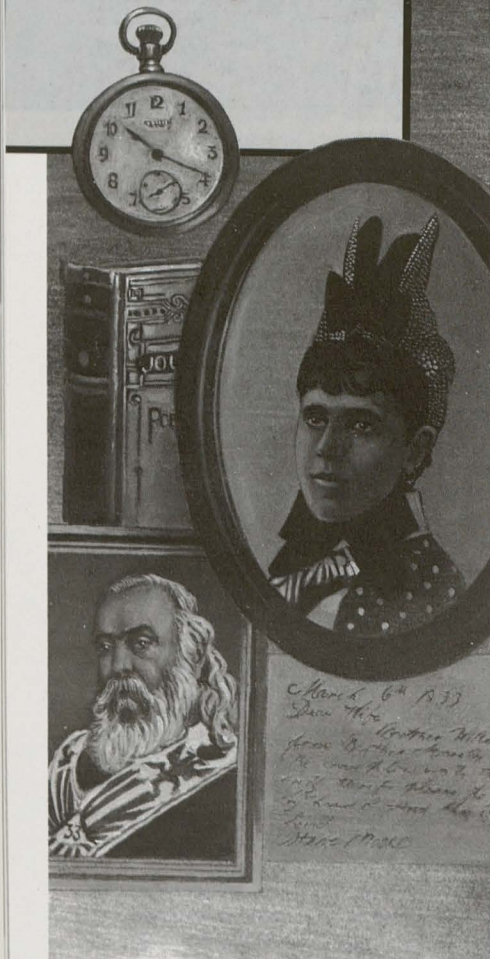
1980, p. 6.) Nesse conselho, a família pode organizar-se e responder como uma unidade aos conselhos dos irmãos.

Os problemas e decisões que dizem respeito apenas a um filho — missão ou problemas disciplinares individuais, por exemplo — possivelmente podem ser tratados com mais proveito em entrevistas individuais.

Antes de um conselho de família, os pais devem determinar os itens que serão deliberados pela família. Certa mãe explicou que ela e o marido chegam ao conselho de família unidos, “porque já resolvemos quaisquer diferenças de opinião que pudéssemos ter a respeito desses assuntos antes da reunião. Chegamos a um acordo a respeito de problemas que precisam de nossa atenção. Sabemos em que direção nossa família deve ser guiada. Oramos juntos, pedindo inspiração para liderá-la como o Senhor gostaria de que fizéssemos.”

Não há, é claro, diretrizes estabelecidas a respeito da frequência com que uma família se deve reunir. Os conselhos de família devem ser realizados com suficiente frequência para atender às necessidades de cada lar, mas não com tanta frequência que percam seu significado. Algumas

Os conselhos de família devem ser realizados com suficiente freqüência para atender às necessidades de cada família, mas não com tanta freqüência que percam seu significado.



famílias fazem um conselho por semana, depois da noite familiar. Outras o realizam todos os domingos, ou no domingo de jejum, e outras ainda o realizam quando há uma necessidade especial.

O esquema dessa reunião pode diferir de família para família e mudará à medida que as necessidades da família mudam. Um conselho de família para planejar o trabalho genealógico provavelmente será diferente de outro, cujo objetivo é coordenar atividades ou estabelecer regras para a família.

O ideal seria que o pai presidisse. Num lar em que não haja pai, a mãe preside. Se necessário, os pais devem designar um dos filhos para registrar os assuntos debatidos, as decisões tomadas e quaisquer designações feitas. A reunião deve ser iniciada e encerrada com uma oração.

Por ser um conselho de família, todos os membros da família devem participar. Todos, sem exceção, devem ser encorajados a expressar suas idéias e dar sugestões. Certo pai recorda: "A princípio tinha que insistir com os mais quietos, 'Greg, o que pensa disso?' 'Sylvia, como se sente?' Assim que perceberam que realmente queríamos ouvi-los e que sua opinião tinha peso, passaram a participar espontaneamente. Outro pai designou os familiares a pensarem num problema específico da família durante uma semana. Cada um deveria chegar ao próximo conselho preparado para oferecer possíveis soluções. Essa abordagem deu aos membros da família oportunidade de pensarem a respeito daquilo que gostariam de dizer, e assim se sentiam mais à vontade para participar.

"É vital para o sucesso dessas reuniões que predomine um clima de comunicação honesta, onde uns ouvem os outros e respeitam as opiniões e sentimentos alheios." (*Nossa Família*, p. 6.) Se o membro mais novo da família propõe que se cave a terra a fim de pegar minhocas para uma próxima pescaria como atividade familiar, os filhos mais velhos não devem dizer que é uma idéia estúpida. Permitir que todos contribuam antes de decidir um assunto ajuda os membros da família a se tornarem mais corteses e ajuda-os a ver que existem várias maneiras de encarar as coisas.

Depois que cada membro da família tiver externado sua opinião ou sentimentos, o ideal seria que todos concordassem com a decisão a tomar. Se não puderem concordar, os pais podem pedir-lhes que pensem mais um pouco e orem a respeito do assunto. Se não concordarem, os pais tomam a decisão final, na qualidade de autoridades presidentes. Os pais devem fazer isso, considerando cuidadosamente as sugestões de todos, usando ao mesmo tempo sua própria experiência e a inspiração a que têm direito. "Isso não é problema em nossa

família", disse certo pai. "As crianças geralmente aceitam as decisões do conselho de família, porque têm uma grande participação nelas. Sabem que sua participação foi valorizada. Apreciamos seu apoio e disposição de acatar nossa decisão."

Alguns assuntos debatidos no conselho de família podem ser confidenciais. Os familiares precisam saber que esses assuntos são confidenciais e não devem ser discutidos fora do círculo familiar. Quando essa regra é estritamente obedecida, aumenta o senso de lealdade e união dentro da família.

O conselho de família não é lugar para se resolver todos os problemas da família. Pode haver assuntos que os pais, como líderes da família, devem decidir sem o debate em família, e os conselhos de família não devem ser usados para deliberar sobre as leis de Deus. Não haveria sentido em discutir se os membros da família devem ou não obedecer à lei da honestidade, por exemplo.

O conselho de família pode, no entanto, ser usado para debater as preocupações e procedimentos da família. Assuntos adequados para um conselho de família poderiam ser, por exemplo: Como dividir o trabalho, de modo que todos se sintam bem com relação a ele? Quanto tempo assistir à televisão e que programas escolher? Como conseguir comprar determinado móvel muito necessário? Como manter a casa mais em ordem? O que fazer, como família, para eliminar as contendas? Que regras familiares devem ser estabelecidas? Que atividades nos ajudarão a santificar o dia do Senhor?

Quanto melhor uma família conseguir satisfazer as necessidades e considerar os interesses da família no conselho, mais sucesso terá.

O conselho de família pode também ser usado para programar e correlacionar as atividades individuais e familiares. Às vezes, uma pessoa pode necessitar da ajuda da família; o conselho pode planejar o atendimento dessas necessidades. Uma família mantém as coisas correndo normalmente no lar, fazendo com que cada membro informe as atividades planejadas, discutindo depois os conflitos, encorajando as opiniões de todos e estabelecendo prioridades, de modo que as atividades menos importantes são descartadas, a fim de que haja tempo para as mais importantes.

Muitas vezes as atividades são conflitantes e isto requer decisões e ajustes na programação. Para evitar conflitos desse tipo, certa família escolheu um calendário com quadros suficientemente grandes para anotar designações, acontecimentos escolares, aniversários e outros eventos familiares especiais. À medida que os membros da família informam suas atividades para a

semana seguinte no conselho da família, os eventos são anotados no calendário. Uma rápida olhada pela manhã lembra a cada um os eventos especiais daquele dia.

Um último propósito dos conselhos de família é promover a obra do evangelho dentro da unidade familiar. As quatro áreas básicas de ênfase do sacerdócio poderiam ser usadas como orientação para o planejamento e avaliação do progresso da família nessa área. Vejamos como eles podem ser aplicados à família.

PONTOS BÁSICOS DE ENFOQUE PARA INDIVÍDUOS E FAMÍLIAS

Genealogia

Quando você examina seu Livro de Recordações, vê um livro tristemente vazio, com a figura do templo insistentemente lembrando-o do trabalho que precisa fazer? Sua história pessoal e a de seus filhos é apenas uma mistura de memórias que ainda não foram registradas no papel? E quanto tempo faz que você foi ao templo pela última vez? Por que não discutir e planejar essas coisas durante o conselho de família? Os membros da família podem estabelecer metas para a pesquisa genealógica. Talvez nenhum de vocês saiba realmente o que fazer, ou por onde começar. Talvez os membros da família pudessem planejar descobrir mais a respeito das pessoas cujos nomes estão em seus gráficos de linhagem. Um membro da família poderia ser designado para entrevistar os avós ou outros parentes. Outra pessoa poderia escrever cartas, pedindo informações ou verificação de documentos.

O conselho também poderia trabalhar em conjunto nas histórias pessoais, debatendo e desenvolvendo idéias a respeito de como organizar as histórias e como mantê-las atualizadas. Juntos, os membros da família poderiam estabelecer períodos de trabalho e prazos.

Depois, há o templo. Talvez os filhos mais jovens se disponham a ajudar na casa, dando aos familiares que têm recomendação tempo de freqüentar o templo. Ou, se a família mora muito longe do templo, poderiam planejar maneiras de economizar o dinheiro necessário para fazer a viagem.

Bem-Estar Temporal

Você notou que suas roupas estão ficando um pouco apertadas? As prateleiras feitas para conter o suprimento de alimentos da família estão vazias? Quantas contas você paga mensalmente? Seus filhos estão na adolescência e não têm planos para uma profissão capaz de oferecer estabilidade financeira?

Mais uma vez, o conselho de família pode ajudar. Quando os filhos tomam

conhecimento da situação financeira e ajudam a resolver os problemas, eles se mostram mais dispostos a passar sem uma bicicleta nova, ou outras coisas que pediram. Certa família, depois de um conselho de família, decidiu até mesmo presentear-se mutuamente no Natal com produtos para o armazenamento familiar.

Talvez você tenha um entusiasta de condicionamento físico na família. Será que ele ou ela não poderia ser designado para estabelecer um programa de condicionamento físico que funcione para a família? Todos os outros participariam? Provavelmente sim, se todos tivessem discutido o assunto como família no conselho.

Obra Missionária

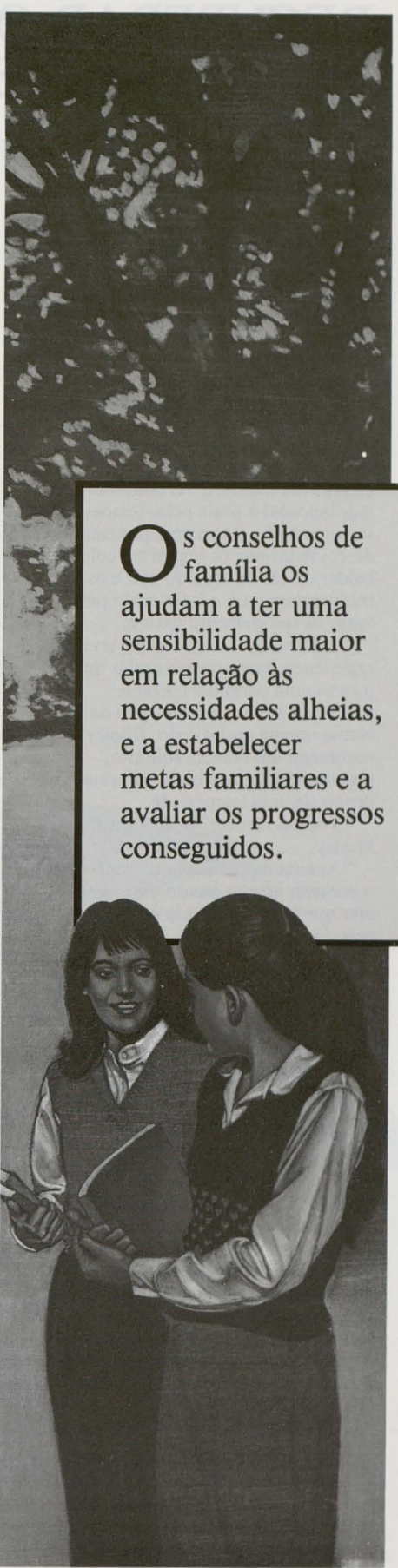
Todos os dias, você passa pela casa dele a caminho do trabalho. “Eu realmente deveria compartilhar o evangelho com ele”, pensa você, mas todos os dias você continua seu caminho. Depois, seu filho. Ele tem catorze anos. Está-se preparando para a missão? Está economizando para isso? E você? Você e seu cônjuge estão planejando uma missão?

Talvez a família pudesse debater o assunto missão. Depois de um conselho de família, o grupo todo pode decidir sobre a abertura de uma conta especial de poupança para missão — uma conta para a qual todos contribuíssem. Um conselho de família também poderia ajudar a determinar como fazer amizade com aquela família que mora na mesma rua. Sua filha é amiga da filha deles? Bem, talvez seja um ponto de partida.

Bem-Estar Espiritual

Por fim, há o crescimento espiritual da família. Sua família poderia decidir num conselho um horário para ler as escrituras juntos e a hora da oração familiar. O conselho poderia planejar atividades de serviço em família. Talvez o pai seja o consultor do quorum dos diáconos. Como a família poderia ajudá-lo a magnificar seu chamado? E Susana, que é presidente da sua classe das Lauréis? Talvez seu irmão mais novo esteja disposto a ajudá-la em suas pequenas tarefas caseiras, para que ela tenha tempo de cumprir seu chamado.

Os conselhos de família podem ajudá-los a trabalhar, divertir-se e crescer juntos como família. Eles os ajudam a ter uma sensibilidade maior em relação às necessidades alheias e a estabelecer metas familiares e a avaliar os progressos conseguidos. Eles criam uma atmosfera de respeito, compreensão e harmonia. Seus filhos ficam mais comprometidos com os planos e metas da família, porque ajudaram a formulá-los. E todos os membros da família crescem em espiritualidade, união, solidariedade e amor mútuo. □



Os conselhos de família os ajudam a ter uma sensibilidade maior em relação às necessidades alheias, e a estabelecer metas familiares e a avaliar os progressos conseguidos.

RECUPERAR O MEMBRO AFASTADO

Marilyn Brick Taft

Santuários marinhos — áreas onde púrpuras anêmonas do mar, filhotes de caranguejo e estrelas do mar vivem sem ser perturbados pelos predadores humanos — estendem-se ao longo da costa da Califórnia. Ali as pessoas, andando por entre as rochas, podem observar, mas não tocar, a vida marinha movimentando-se ao sabor das marés.

Em outras praias, no entanto, as pessoas se misturam mais livremente com a vida marinha. As criaturas do mar lançadas à praia pelas tempestades são apanhadas livremente por catadores descuidados que os jogam em coloridos baldes cheios de água do mar e os transportam para o interior do país, longe de seu elemento natural.

O naturalista Loren Eiseley teve uma experiência numa dessas praias que se tornou uma parábola bastante conhecida sobre a preservação da vida. Numa manhã muito cedo, Eiseley encontrou um homem solitário, procurando alguma coisa na praia depois de uma tempestade.

“Você as recolhe?” perguntou Eiseley.

“Apenas desta maneira,” respondeu o homem, arremessando uma estrela do mar que lutava pela vida de volta ao mar, “e apenas aquelas que ainda estão vivas.”

“As estrelas... se deixam arremessar bem,” observou ele. “Podemos ajudá-las.” (*The Star Thrower*, New York; Harcourt, Brace, Jovanovich, p. 172.)

Esse homem, que Eiseley chamou de “arremessador de estrelas”, não era um colecionador comum. Seu único interesse era salvar as estrelas do mar dos ávidos turistas, defendendo seu direito de voltar a nadar no oceano.

Uma das primordiais responsabilidades do seguidor de Cristo envolve o “recolher dos vivos” — procurar aqueles que estão lutando pela sobrevivência espiritual e ajudar a recuperá-los. Num sentido bastante real, existem muitos naufragos humanos em nossas praias. Alguns puseram-se voluntariamente à deriva do evangelho ou de alguma outra forma ficaram perdidos. Essas são as ovelhas perdidas, as dracmas perdidas das parábolas do Salvador. Eles estão em nossas alas e estacas, perto de nós, e talvez no nosso círculo de amigos íntimos. Esses são os membros afastados que enfraqueceram.

Pouco depois de Thomas B. Marsh

ser batizado, o Profeta Joseph Smith conferiu-lhe uma bênção de conforto e também uma admoestação vigorosa: “Eis que te digo que tu serás um médico na igreja.” (D&C 31:10.)

Qual a responsabilidade de um médico na Igreja? Talvez o Irmão Marsh estivesse sendo orientado a servir os membros da Igreja que têm necessidade de cura espiritual. Uma de nossas responsabilidades fundamentais como seguidores de Cristo diz respeito a “recolher os vivos”, nas palavras do arremessador; ou, de acordo com a terminologia do Senhor, ser um médico na Igreja. Em nossa ânsia de achar novos conversos, não devemos esquecer-nos do converso que se afastou. Para aqueles que sentem-se inibidos em fazer a obra missionária, esta é uma oportunidade maravilhosa de praticar a medicina curativa do evangelho, de ajudar a trazer alegria e bem-estar à vida de outros. Não erguemos as pessoas puxando-as pelos pés. Simplesmente lhes estendemos as botas para que elas mesmas possam erguer-se.

Lembro-me de meu amigo Stephen, abandonado por muitos de seus amigos e membros da ala, quando foi excomungado. Mudou-se para uma outra ala, onde seus semelhantes o aceitaram, viram seu potencial e o incluíram em suas atividades. Eles realmente se preocuparam com ele, e com amor o conduziram de volta à Igreja.

A noite de seu batismo estava fria, tempestuosa e muito úmida; contudo, mais de cinquenta de seus novos vizinhos e amigos compareceram,

porque se importavam com ele. No final do serviço, a regente levantou-se para reger o último hino. Olhando para Stephen, viu-lhe o desejo de reger em seus olhos, e entregou-lhe o hinário. E mais uma vez, Stephen pôde fazer mais do que cantar com a congregação. Agora podia participar ativamente na Igreja. Sempre me lembrarei de seu olhar cheio de alegria ao reger os hinos do evangelho para seus amigos.

Lembro-me de minha amiga Elizabeth, cujos hábitos e maneira de viver a afastaram da Igreja. Depois de mais de dez anos, teve o desejo de voltar e “ver”. Passando por uma capela, certa manhã de domingo, sentiu-se inclinada a entrar. Juntou-se à nossa ala naquele mesmo dia. Suas roupas e experiências a tornaram obviamente diferente do resto de nós, e ela preocupou-se, achando que nunca se entrosaria. Mas seus novos amigos foram generosamente ao seu encontro, incluíram-na em suas atividades e descobriram meios de usar seus talentos artísticos na edificação do reino. Suas professoras visitantes mostraram-se fidelíssimas; amavam Elizabeth, e não sua designação de professoras visitantes. Agora em cidades diferentes, ainda mantêm-se em contato com ela para abençoar sua vida.

Chegou o momento em que Elizabeth foi plenamente reintegrada como membro da Igreja e chamada para lecionar na Sociedade de Socorro. Na



tarde em que foi apoiada em seu novo chamado, notei que saiu da capela rapidamente. Telefonei-lhe, preocupada com o fato de talvez não se sentir muito à vontade com seu chamado.

“Não”, disse ela. “Eu tinha que correr para casa para contar à minha mãe. Quando lhe dei a boa notícia, dançamos juntas na cozinha. Mamãe não parava de repetir, inúmeras vezes: ‘Eu *sabia* que você ainda daria aula na Sociedade de Socorro.’”

Lembro-me de minha amiga Katherine que andou espiritualmente errante durante anos, incapaz de conciliar suas dúvidas filosóficas com as doutrinas do evangelho. Ela afastou-se e trouxe trevas sobre si mesma; mas ela também tinha amigos que nunca desistiram, que sentavam-se tarde da

noite para explicar-lhe a verdade e responder às suas perguntas. Muitos desses amigos estiveram no templo recentemente com Katherine, quando ela recebeu seu endowment.

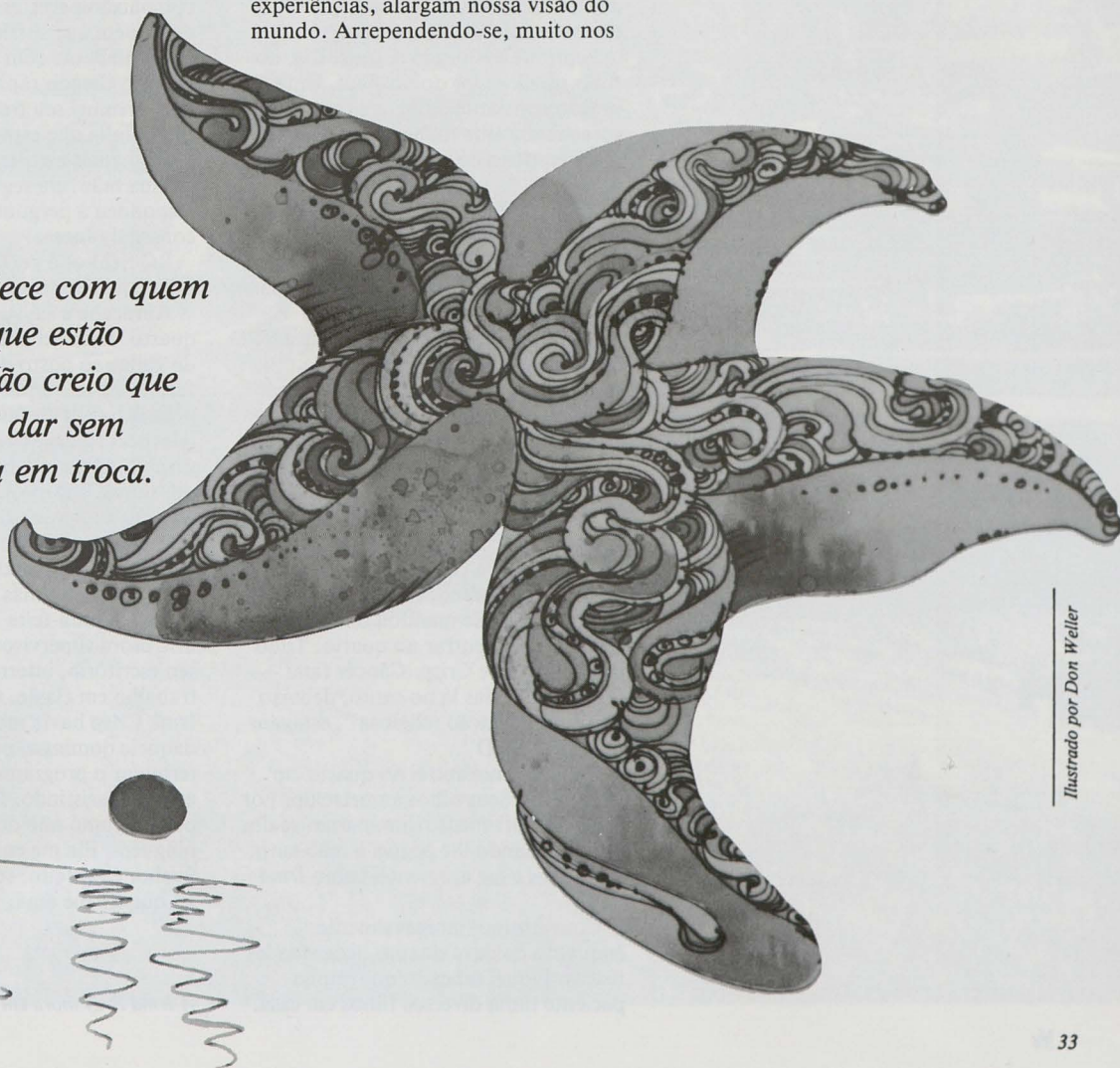
Improvável? Sim, dado seu afastamento. Impossível? Não, por causa da presença dos amigos, quando ela precisou deles.

O que acontece com quem procura os que estão perdidos? Não creio que seja possível dar sem receber nada em troca. Aquele que dá, recebe a oportunidade de sentir os sussurros do Espírito. Aqueles que permitem que os ajudemos na reedificação de sua vida, nos oferecem a maior recompensa. Apoiando-se em nosso testemunho, eles nos dão força. Confiando, ensinam-nos a confiar. Compartilhando suas experiências, alargam nossa visão do mundo. Arrependendo-se, muito nos

ensinam a respeito da realidade da expiação. A oportunidade de recolher os vivos, de ser um médico na Igreja é algo que nos traz uma alegria indescritível. □

Marilyn Brick Taft é professora da Escola Dominical em sua ala, na Cidade de Lago Salgado.

O que acontece com quem procura os que estão perdidos? Não creio que seja possível dar sem receber nada em troca.



Ilustrado por Don Weller

“SEU PLANO É PERFEITO — NÃO TENHO MEDO”

JoAnne Bray

Quando estava na escola de enfermagem, completamos nosso estudo a respeito da morte e daqueles que estão prestes a morrer, passando algum tempo com pacientes irremediavelmente desenganados. A designação consistia de um plantão completo de oito horas com pacientes assim, satisfazendo suas necessidades psicológicas e também físicas. Não posso dizer quanto eu temia enfrentar tal encargo. Achava que não seria capaz de fazê-lo. Até pensei em telefonar para a escola e dizer que estava doente, mas minha classificação dependia do cumprimento da designação.

Senti-me deslocada naquele dia, ao subir no elevador do hospital. Uma oração constante estivera em meu coração durante toda a noite e foi em parte respondida, quando o elevador subiu.

“Não tenha medo”, sussurrou a voz.

Respondi, ainda com dúvidas: “Mas, o que vou dizer? Como vou falar sobre a morte com alguém que não é um santo dos últimos dias?” Minha mente continuava a pensar: “Sou a única SUD na minha classe... na escola toda. Alguns hospitais em que trabalho não têm um único SUD em sua equipe, nem como paciente.”

Chegando ao quarto andar, olhei a ficha médica de meu paciente. Não era o procedimento habitual, pois devíamos ver nosso paciente pessoalmente antes de verificar sua ficha; isto fazia parte do processo de aprendizagem. No entanto, alguma coisa me mandou olhar sua ficha antes de entrar no quarto. Tudo conferia: “Eve Crisp. Câncer fatal — fase final.” Mas lá no canto, debaixo do título “filiação religiosa”, estavam as letras “SUD”.

Rapidamente entrei no quarto em penumbra. Seus olhos amortecidos por meses de sofrimento iluminaram-se um pouco, quando lhe peguei a mão entre as minhas e me apresentei como *Irmã Cain*.

Conversamos amigavelmente enquanto cuidava de suas necessidades físicas. Fiquei sabendo que minha paciente tinha diversos filhos em casa.

Tinha apenas quarenta e sete anos. Ela falou da Igreja e da vez em que viajou para assistir a uma conferência geral. Era uma de suas mais caras lembranças. Mencionei a próxima transmissão da conferência de abril, que seria irradiada na manhã do domingo seguinte. Ela sorriu.

Muitas vezes, durante aquele dia, ela reagiu aos gritos de um garoto que estava num quarto mais adiante e que havia sofrido queimaduras horríveis, dizendo: “Pobre menino, deve estar sofrendo tanto!” Sua solidariedade e compaixão pareciam irresistíveis, vindas de alguém que sofria atrozmente. Maravilhei-me com ela. A hora de ir embora chegou rápido demais. Antes de sair, arrumei seu travesseiro e peguei a campainha que estava sobre o lençol, para chamar a enfermeira. Ao colocá-la em sua mão, ela segurou a minha e respondeu à pergunta que eu não conseguia fazer.

“O Senhor é perfeito. Seu plano para mim é perfeito e sei que ele me ama.”

Abracei-a e saí silenciosamente do quarto. Respirei profundamente antes de voltar ao posto de enfermagem para fazer uma anotação em sua ficha. A nota dizia: “Por favor, sintonizem a televisão da Sra. Crisp na conferência geral SUD na manhã de domingo, às seis horas.” Depois, fui para uma reunião de apresentação de relatórios e prestei testemunho a uma classe de não-membros, esperando apenas que apreciassem minhas observações.

Na segunda-feira seguinte, minha instrutora supervisora chamou-me ao seu escritório, interrompendo meu trabalho em classe. Contou-me que a Irmã Crisp havia morrido na manhã daquele domingo, pouco depois de terminar o programa de televisão a que estivera assistindo. Derramei lágrimas por ela como não derramaria por mais ninguém. Ela me ensinou muito: “O Senhor é perfeito; seu plano é perfeito e sei que ele me ama.” □

A Irmã Bray mora em Tulsa, Oklahoma.

A Liahona

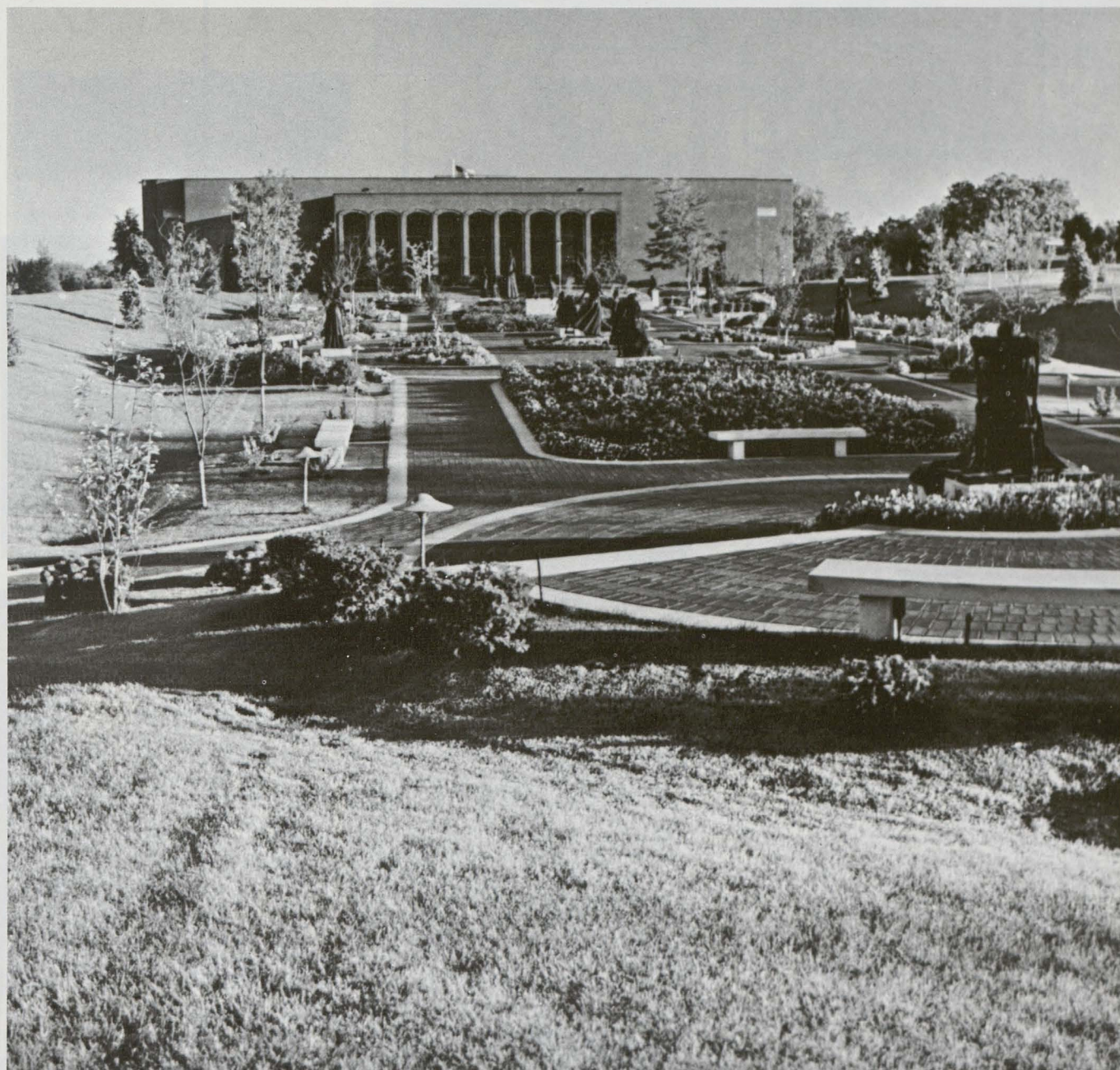
O QUE SE VÊ HOJE

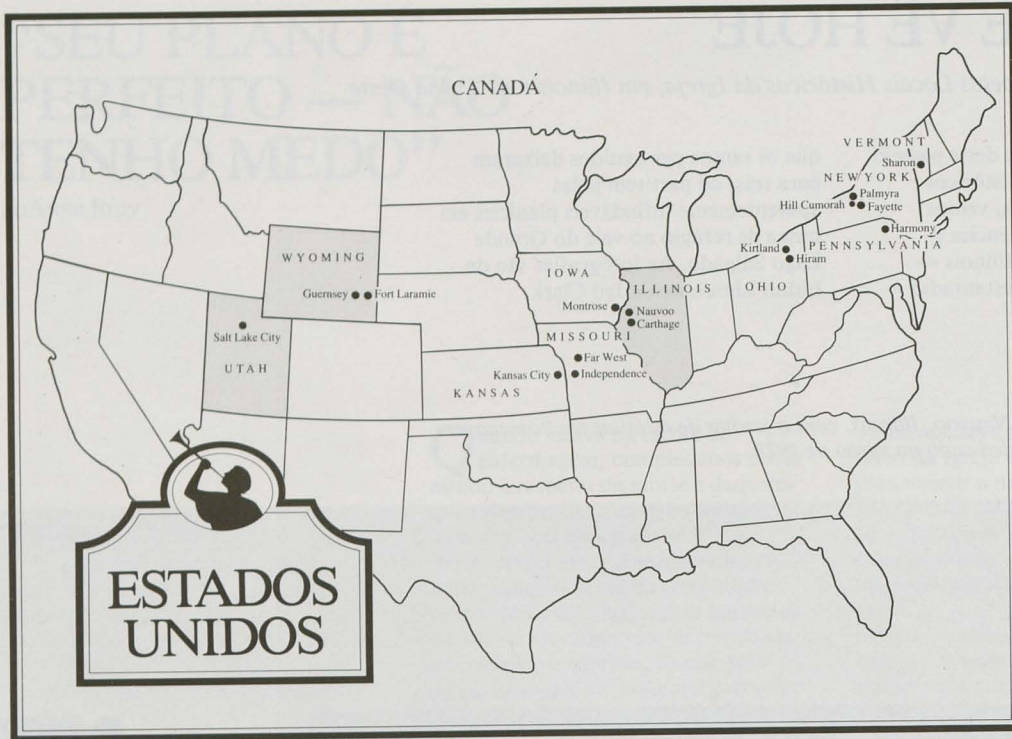
Excursão Fotográfica pelos Locais Históricos da Igreja, em Illinois e na Trilha Oeste

Na terceira e última parte deste passeio fotográfico pelos locais históricos relacionados com a Igreja, vemos exemplos das lindas residências e construções de Nauvoo, Illinois — muitas das quais foram restauradas —

que os santos perseguidos deixaram para trás, ao partirem pelas aparentemente infundáveis planícies em busca de refúgio no vale do Grande Lago Salgado. As fotografias são de Eldon Linschoten e Jed Clark.

O centro de visitantes de Nauvoo, Illinois, com o jardim de estátuas em homenagem à Sociedade de Socorro, dedicado no verão de 1978.





Ao lado: A casa e a oficina de Jonathan Browning, em Nauvoo. Browning inventou um dos primeiros rifles de repetição. Seu filho, John Moses Browning, que se estabeleceu em Ogden, Utah, inventou a metralhadora automática. Embaixo: Vista frontal da casa de Wilford Woodruff, em Nauvoo.





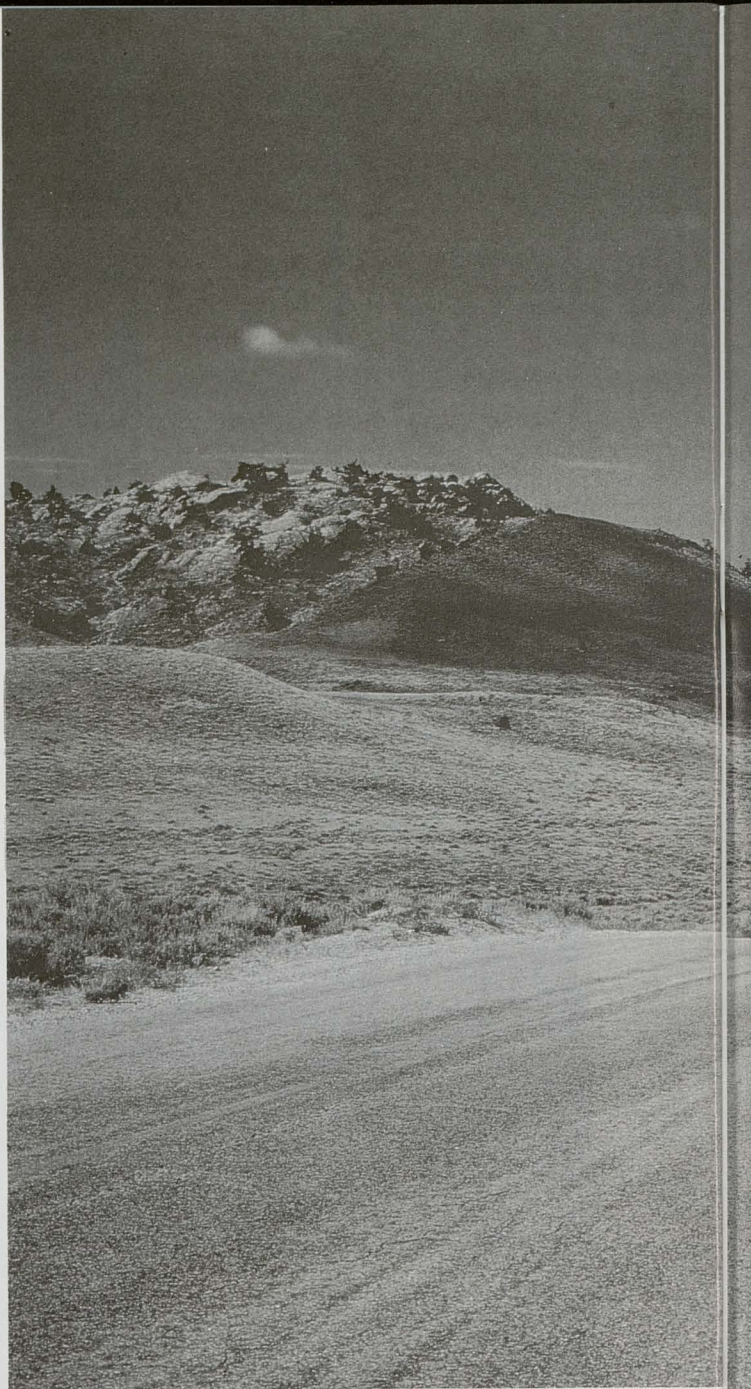
No alto, à direita: *Seventies Hall* restaurado, em Nauvoo. Construído entre 1843 e 1844, foi usado para conferências, aulas e serviços de adoração.

No centro, à direita: *A Prisão de Carthage*, onde Joseph e Hyrum Smith foram mortos, em 27 de junho de 1844.

No alto: *Primeiro andar da Prisão de Carthage*, onde os prisioneiros passaram a primeira noite.

Embaixo, à direita: *O cemitério da família Smith*, com pedras marcando os locais originais das sepulturas de Joseph e Emma Smith. Também foram enterrados aqui os pais do Profeta, Lucy Mack Smith e Joseph Smith Sr.; seus irmãos Hyrum, Don Carlos e Samuel; dois de seus filhos menores; e alguns amigos da família.





À esquerda, no alto: *Vista para o oeste da Colina Mexicana, no Rio Platte, perto de Guernsey, Wyoming. A trilha por entre as escarpas era tão íngreme, que os pioneiros afirmavam que, se uma xícara caísse do carroção durante a descida, cairia na frente dos bois.*

Segunda: *Oito quilômetros a oeste do Forte Laramie, Wyoming, o Pico Laramie, de 3.000 metros de altura, marcava o início das montanhas ocidentais.*

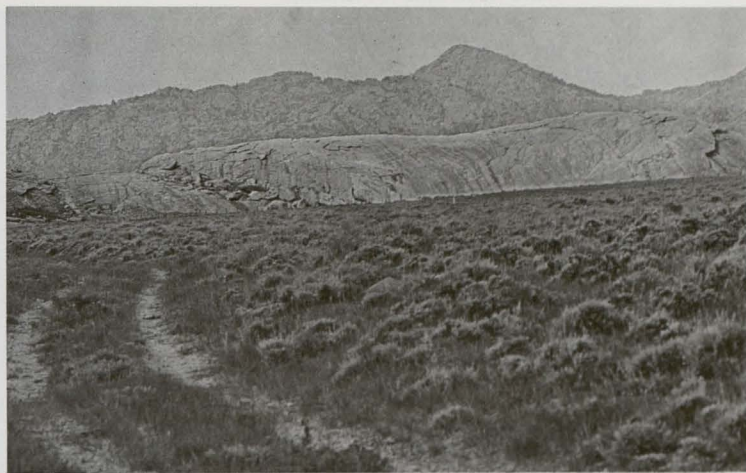
Terceira: *Heber Springs, perto do Riacho Horse Shoe, a oeste de Glendo, Wyoming. Seus prados verdes e viçosos eram o lugar de acampamento preferido dos santos. Os saltos foram denominados em homenagem a Heber C. Kimball, um maravilhoso cavaleiro e também escoteiro, que foi o primeiro santo a vê-los.*



À esquerda, embaixo: Subindo o Riacho Deer, perto de Glenrock, Wyoming, em setembro de 1947, Brigham Young, Heber C. Kimball e alguns outros, ao voltarem do Vale do Lago Salgado para Winter Quarters, surpreenderam uma mãe urso cinzenta e escaparam de seu ataque, escalando as escarpas rochosas.

No alto: Emigrant Gap visto do oeste. Uma das várias "Gargantas dos Emigrantes" ao longo da trilha oeste, esta fica perto de Devil's Gate, Wyoming. Todos os santos dos últimos dias que foram para o oeste passaram por ela.

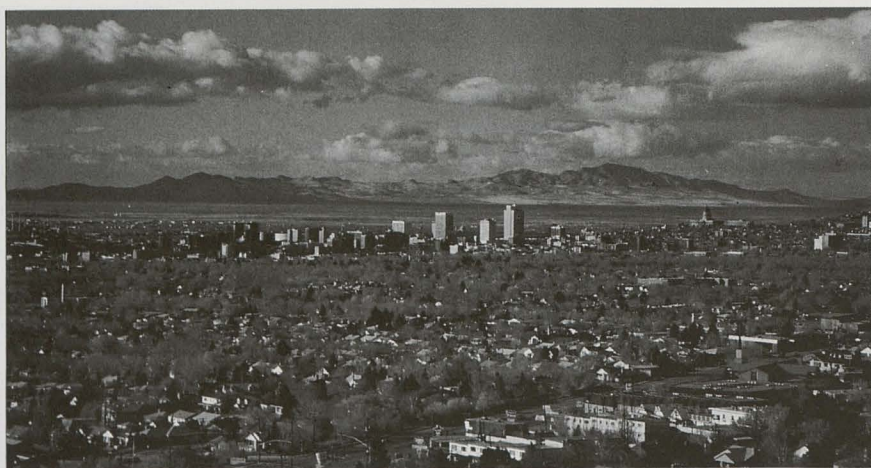
À direita: Vista oeste da Montanha Independance. Nesse famoso local de acampamento, no Wyoming, os filhos dos santos dos últimos dias escalavam as rochas escarpadas e muitos adultos esculpiram ou pintaram suas iniciais nelas.



Ao lado: O Vale do Lago Salgado como está hoje, com a florescente Cidade de Lago Salgado, aninhada entre as montanhas.

Ao centro: Centro da Cidade do Lago Salgado, Utah. Foto de Glen Thomas Brown/The Stock Solution.

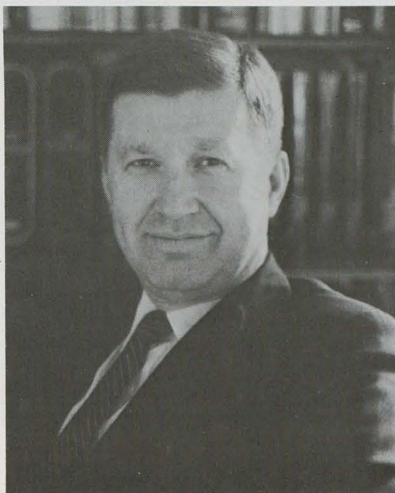
Embaixo: Os arranha-céus da Cidade do Lago Salgado ficam diminutos à sombra das montanhas Wasatch, através das quais os santos pioneiros entraram pela primeira vez no Vale do Lago Salgado, em julho de 1847. Foto cedida por cortesia da Utah Travel Council.



Perguntas & Respostas

Perguntas de interesse geral respondidas à guisa de orientação, e não como pronunciamento oficial da Igreja.

Pergunta: "O que envolve um jejum? Ouvi dizer que há mais nele que o não comer."



J. Roger Fluhman, Presidente da Missão Washington Spokane.

Você ouviu corretamente. Há, de fato, muito mais no jejum que não comer. Considere o que segue:

1. Jejuamos para aprender mais a respeito do Senhor e para adorá-lo.
2. Jejuamos para aumentar nossa espiritualidade e nossa fé no Senhor Jesus Cristo.
3. Jejuamos para obter um testemunho do evangelho e para fortalecê-lo.
4. Jejuamos para ouvir a voz do Espírito e receber inspiração.
5. Jejuamos para entender melhor o plano de salvação e nossa dependência do Senhor.
6. Jejuamos pelos que estão enfermos e necessitam de bênçãos especiais.
7. Jejuamos para ajudar os pobres com nossas ofertas de jejum.

Há outras razões para jejuar. Mencionei as que são importantes para mim.

Em Isaías 58:3-12, é explicada a

verdadeira lei do jejum, e muitas das razões para se jejuar; por exemplo: "Que soltes as ligaduras da impiedade, que desfaças as ataduras do jugo... que repartas o teu pão com o faminto" (versículo 6-7); e também as bênçãos do jejum: "Então clamarás, e o Senhor te responderá: gritarás, e ele dirá: Eis-me aqui" (versículo 9). Estes versículos me causaram forte impressão. Ajudaram-me a entender como devo jejuar e as bênçãos que isto traz.

O jejum e a oração são ambos necessários, mencionados freqüentemente juntos nas escrituras. Alma disse ao povo que sabia que as coisas que falava eram verdadeiras. Disse ele: "Jejuei e orei durante muitos dias para poder conhecer essas coisas por mim mesmo." (Alma 5:46.) O jejum deve sempre vir acompanhado da oração.

Lembre-se, também, de que não jejuamos de maneira hipócrita, "contristados" para impressionar os outros. (Veja Mateus 6:16-18 e 3 Néfi 13:16-18.)

Não tenho uma compreensão perfeita do jejum. Não consigo usar as palavras muito bem para dizer-lhe o que acontece quando jejuamos ou por que acontece. Mas os sentimentos que acompanham o jejum são sagrados e muito fortes. Inspiram, edificam, elevam e fortalecem. *Jejum e sentimento*, para mim, estão relacionados.

Nosso filho, Spencer, vem procurando aprender a jejuar desde seu batismo, há dois anos. Não o fiz sentir que deveria jejuar com tão pouca idade. Ele não consegue jejuar por tanto tempo quanto nós, às vezes. Numa reunião de jejum e testemunhos, tempos atrás, ele sussurrou-me: "Acho que vou subir e prestar testemunho." Sorri e inclinei a cabeça, concordando. Seu testemunho sincero tocou-me. Ele estava *sentindo* alguma coisa. E eu também.

O jejum nos faz crescer espiritualmente. Disto tenho certeza. □

